

CURSO INTRODUTÓRIO DE HOMILÉTICA

Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa

*“Aqui verdadeira obediência apropriadamente se distingue de uma constrangedora e escrava sujeição. Todo serviço, pois, que porventura os homens ofereçam a Deus será fútil e ofensivo a seus olhos a menos que, ao mesmo tempo, ofereçam a si próprios; e, além do mais, este oferecimento por si mesmo não é de nenhum valor a menos que seja feito espontaneamente.” – João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 2, (Sl 40.7), p. 227.*

*“Deus só é corretamente servido quando sua lei for obedecida. Não se deixa a cada um a liberdade de codificar um sistema de religião ao sabor de sua própria inclinação, senão que o padrão de piedade deve ser tomado da Palavra de Deus.” – João Calvino, **O Livro dos Salmos**, Vol. 1, (Sl 1.2), p. 53.*

*“Precisamos enfatizar que orar não é um substituto para a obediência. É fútil dizer a uma igreja que orar é a solução para a falta de crescimento, quando não existe qualquer interesse em ver a Palavra de Deus ser obedecida, e não há qualquer disciplina na igreja”. – Iain Murray, *A Igreja: Crescimento e Sucesso*. In: **Fé para Hoje**, p. 26.*

I - A NECESSIDADE DA EXEGESE:

1.1. DEFINIÇÃO:

A palavra “exegese” é uma transliteração do grego echghsij, que significa “*narração, exposição*”. A palavra é formada por ek (fora de) egéomai (conduzir, guiar, liderar), daí o sentido de “*tirar*”, “*trazer para fora*”, “*relatar*”, “*explicar*”, “*expor*”.¹ Aplicando a palavra ao texto, significa extrair a mensagem do texto.² Portanto, a função da exegese bíblica é, humanamente falando, trazer à luz a mensagem da parte de Deus conforme registrada nas Escrituras. Deste modo, a “exegese” é oposta à ei)sh/ghsij – “*introdução*” –, atitude que consiste em tentar fazer o texto dizer o que queremos, torcer as evidências em favor de nossas concepções previamente dogmatizadas. Lloyd-Jones (1899-1981) nos adverte quanto a este perigo: “Quão importante é dar-nos conta do perigo de começar com uma teoria e impô-la às Escrituras! (...). Temos que ser cuidadosos quando estudamos as Escrituras para não suceder que elaboremos um sistema de doutrina baseado num texto ou numa compreensão errônea de um texto.”³

Quando nos aproximamos do texto Sagrado devemos fazê-lo com espírito submisso, buscando entender o que a passagem nos diz e qual o seu significado. Os nossos princípios teológicos devem ser derivados dos fatos bíblicos não de nossa mente.⁴

A Exegese é portanto, a “ciência da interpretação”, sendo uma disciplina fundamental para a *Teologia Bíblica*, assim como esta o é para a *Teologia Sistemática*.

1.2. PRESSUPOSTOS:

A Exegese bíblica parte de dois princípios fundamentais:⁵

- 1) O pensamento pode ser expresso adequadamente através das palavras, tendo cada uma delas, no original, o seu sentido específico;
- 2) A mensagem das Escrituras é de tal relevância para o homem, que devemos nos assegurar de entender correta e profundamente o que Deus quis nos ensinar através de Sua Palavra.

1.3. ASPECTOS DA EXEGESE:⁶

1) O Texto:

O primeiro passo é escolher o texto, determinar a sua extensão e confirmar a sua integridade através de suas variantes textuais. Nós pregamos a Palavra de Deus; portanto, devemos estar certos daquilo que pregamos.

A extensão do texto deve ser determinada pela sua especificidade; devemos ter em mente o assunto tratado, que pode estar em um capítulo ou em alguns versículos que não estejam necessariamente limitados a um capítulo: As divisões dos capítulos e versículos, não são inspiradas, portanto ainda que sejam geralmente boas não são infalíveis. No entanto, é importante que tenhamos como princípio tomar capítulos inteiros para a nossa análise, para que não incorramos no perigo de esquecer o contexto.

¹ O substantivo não ocorre no NT. contudo o verbo echgeomai é encontrado seis vezes: Lc 24.35; Jo 1.18; At 10.8; 15.12,14; 21.19.

²Vd. Karl BARTH, *Proclamacion del Evangelio*, p. 57.

³D. Martyn LLOYD-JONES, *As Insondáveis Riquezas de Cristo*, p. 43. Damião Berge, um estudioso de Heráclito, descreveu a função do intérprete, que, pode nos ser útil aqui. Diz o autor: “Interpretar é apreender o sentido depositado nas palavras do autor; é retirá-lo de sua reclusão e pô-lo, gradativamente, ao alcance do leitor, processo esse que, em geral, culmina num ensaio de tradução tão verbal como acessível.” (Damião BERGE, *O Logos Heraclítico: Introdução ao Estudo dos Fragmentos*, p. 63).

⁴ Vd. Charles HODGE, *Systematic Theology*, Vol. I, p. 13-15.

⁵ Cf. Exegesis: In: E.F. HARRISON, ed. *Diccionario de Teologia*, p. 224.

⁶ Sigo aqui de modo especial a Benjamin CHAPMAN, *New Testament-Greek Notebook*, p. 91ss.

2) O Contexto

Os textos bíblicos não são fragmentos isolados; eles ocorrem dentro de um contexto histórico, estando integrado com o que foi registrado antes e depois. Portanto, analise o contexto, leia o(s) capítulo(s) anterior(es) e posterior(es), examine as referências paralelas, as introduções, resumos, consulte os aspectos históricos, geográficos e culturais. Reflita sobre o contexto bíblico e teológico. Para que possamos fazer uma exegese correta, é imprescindível interpretar o texto dentro de seu contexto: “Se este aspecto é negligenciado, a interpretação torna-se arbitrária”.⁷

Análise também os substantivos, adjetivos, verbos, a ênfase do texto na ordem que se apresenta. Faça perguntas ao texto: Quando aconteceu? Quem fez acontecer? Por que aconteceu? Quem? Quando? Por que? Que mais aconteceu? Em que lugar? Sob quais circunstâncias? Quais as razões? Qual a ênfase do autor, suas proposições principais e conceitos? Quais as implicações disso?. Tome uma afirmação do texto e indague o seu porquê.

Tome as palavras chaves e analise a sua etimologia e composição; as estude dentro do texto. Usando uma concordância, veja também como elas são empregadas no livro analisado e em toda a Escritura. Compare as palavras com sinônimos, veja as diferenças e peculiaridades.

Após você estudar as diversas proposições do texto, reuna-as e, aí você terá o tema da passagem bíblica. Este é um ponto fundamental: descobrir sobre o que o texto fala e o que quer dizer. Certamente ele diz muitas coisas, sobre as quais inclusive você pode pregar mas, a questão primeira no entanto é: qual a mensagem central do texto? O que ele nos ensina objetivamente?

1.4. UMA TÉCNICA EXEGÉTICA:

A exegese tem seus princípios gerais que devem ser observados, no entanto cada um, conforme a sua experiência, irá desenvolver as suas próprias técnicas, o seu próprio modo, sem, obviamente, perder de vista o seu objetivo que é o de compreender a mensagem contida no texto. Aqui temos uma sugestão:⁸

1) Localize o Texto: Nem excessivamente pequeno (poderia esquecer o contexto), nem excessivamente grande (correria o risco de não expô-lo especificamente).

2) Faça a sua tradução e compare com outras: Na impossibilidade de fazer a tradução do original, compare a tradução que você usa com outras disponíveis: NIV, ARA, ARC, ACR, Jerusalém.

3) Reflita sobre o Contexto: Pense a respeito do contexto gramatical em sua relação com o contexto histórico do livro. Por que o autor escreveu? Leia uma introdução ao livro que fale do propósito do mesmo e de suas circunstâncias. Reflita sobre o contexto histórico, geográfico, social e político.

4) Releia o Texto Hebraico ou Grego: Tente compreender o argumento teológico e gramatical do contexto através do texto, identificando os verbos principais e as palavras chaves.

5) Inicie o estudo gramatical e sintático dos verbos e palavras chaves destacadas acima:

6) Examine as variantes textuais através dos aparatos críticos:

7) Estude o significado das palavras:

⁷Benjamin CHAPMAN, *Ibidem.*, p. 92.

⁸ Adaptação feita do texto de Chapman. (Benjamin CHAPMAN, *Ibidem.*, p. 96-97).

8) Formule o tema: Qual é a idéia principal do texto? (Este é o tema).

9) Elabore a proposição: Qual é a mensagem de Deus? (Esta é a proposição).

10) Pense nas implicações da mensagem para os nossos dias:

11) Consulte Comentários: Os comentários vêm sempre depois de um árduo trabalho; nunca devemos começar por eles.

1.5. O USO DE COMENTÁRIOS:

1) Os Comentários são importantes, mas não essenciais: Você deve lê-los para comparar as suas conclusões e, quem sabe, acrescentar algo e reavaliar o seu ponto.

2) Elabore você mesmo o seu primeiro texto: Insisto, os comentários devem servir como consulta a posteriori.

3) Não tente usar muitos comentários: Três ou quatro sobre um livro são suficientes;

4) Use bons comentários: Dê preferência àqueles que fazem uma abordagem histórico-gramatical. Não gaste dinheiro e tempo com comentários devocionais e homiléticos. Ler sermões pode ser uma coisa agradável e gratificante; contudo, lembre-se de que sermões não são comentários. A observação de Blackwood parece-nos oportuna: “Os ‘comentários homiléticos’, que apresentam planos de sermões já prontos, podem ser úteis para o pregador leigo, mas não devem ter lugar na estante do indivíduo com preparo num seminário. Um ministro instruído necessita de um ou dois comentários exegéticos de cada um dos livros mais importantes da Bíblia, bem como outros livros de valor que mostrem o significado das Sagradas Escrituras”.⁹

5) Evite dois extremos: Aceitar acriticamente as conclusões dos comentários ou chegar a suas conclusões sem examinar nenhum comentário: Lembremo-nos sempre, que cabe a nós submeter o nosso juízo e entendimento à verdade de Deus conforme testemunhada pelo Espírito.¹⁰ Sem o Espírito, todo o nosso trabalho “exegético” será em vão. A genuína exegese tem como pré-requisito fundamental à oração e o espírito de dependência de Deus.

⁹A. W. BLACKWOOD, *A Preparação de Sermões*, p. 57.

¹⁰J. CALVINO, *As Institutas*, I.7.5.

II - A HOMILÉTICA:

“O pregador é o que interpreta e ensina as verdades divinas”. – Agostinho, **A Doutrina Cristã**, IV.4.6. p. 217.

Em termos de aprendizado, o púlpito é o ponto principal de contato entre a instituição de ensino e a Igreja. No entanto, precisamos estar atentos para não confundir a sala de aula com o púlpito. A exegese visa nos habilitar dentro dos recursos metodológicos, a compreender o texto a fim de podermos transmiti-lo de forma fidedigna. Isto nos conduz à outra disciplina, a *Homilética*.

2.1. DEFINIÇÃO DA PALAVRA “HOMILÉTICA”:

A palavra “*homilética*”, é a transliteração do verbo o(mile/w, que significa “*conversar com*”, “*falar*”. Este verbo ocorre quatro vezes no Novo Testamento e apenas nos escritos de Lucas (Lc 24.14,15; At 20.11; 24.26). Na Septuaginta, ocorre também 4 vezes Pv 5.19 (“*saciar*”, no sentido de proximidade); Pv 15.12 (“*chegará*”, no sentido de “*associar-se*”); Pv 23.30 (2 vezes).¹¹

Na literatura clássica, vemos que Xenofonte (c. 430-355 aC.), também empregou esta palavra no sentido de “*conversação*”.¹²

O verbo o(mile/w provém de outra palavra grega, o(/miloj (o(mou= = “*junto com*” & i)/lh = “*uma equipe*”, “*turma*”, “*companhia*”), que significa, “*multidão*”, “*turma*”, “*companhia*”, “*assembléia*”. O(/miloj ocorre apenas uma vez no NT e mesmo assim, sem grande fundamentação documental (Ap 18.17).¹³

Na Literatura Clássica, este termo é encontrado em Homero (c. IX séc. aC.).¹⁴

Uma outra palavra relacionada com Homilética, é “*Homilia*” (gr. o(mili/a), derivada da mesma raiz de “*Homilética*”, significando: “*associação*”, “*companhia*”, “*conversação*”. Ela é empregada apenas uma vez no NT (1Co 15.33), quando Paulo, provavelmente, cita a comédia do poeta ateniense, Menandro (c. 342 -c. 291 aC), intitulada *Thais*.¹⁵ Xenofonte (c. 430-355 aC.) também usou “*Homilia*” no sentido de “*companhia*”.¹⁶ “*palestra*”¹⁷ e “*conversação*”.¹⁸

2.2. O EMPREGO DA PALAVRA “HOMILÉTICA”:

A Igreja Latina traduziu “*Homilia*” por sermão, passando, então, as duas palavras, num primeiro momento, a serem empregadas de forma intercambiável. Todavia, posteriormente, elas passaram a designar um tipo de discurso; O Sermão,¹⁹ designava um discurso desenvolvido sobre um tema; A Homilia, pressupunha um método de análise, e a explicação de um parágrafo ou verso da Escritura, que era lido durante os cultos.²⁰

¹¹ ARA não traduz as ocorrências.

¹² XENOFONTE, **Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates**, IV.3.2. p. 147.

¹³ A palavra não aparece no Texto de Nestle-Aland; ela ocorre em alguns manuscritos menores, sendo empregada no *Textus Receptus*, podendo ser traduzida por “a companhia em navios” (tw=n ploi/wn o(o(/miloj).

¹⁴ HOMERO, **Iliada**, 18.603; 24.712

¹⁵ MENANDRO, Frag. p. 62, n° 218.

¹⁶ XENOFONTE, **Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates**, I.2.20.

¹⁷ XENOFONTE, **Ibidem.**, I.2.6.

¹⁸ XENOFONTE, **Ibidem.**, I.2.15.

¹⁹ A nossa palavra “*sermão*”, é a transliteração do latim “*sermo*”, que significa, “*conversação*”, “*conversa*”, “*maneira de falar*”, etc.

²⁰ Cf. WM. M. TAYLOR, et. al. Homiletics: In: Philip SCHAFF, ed. **Religious Encyclopaedia: Or Dictionary of Biblical, Historical, Doutrinal, and Practical Theology**, Vol. II, p. 1011. Homilética: In: Russel N. CHAMPLIN & João Marques BENTES, **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, Vol. II, p. 154. No Dicionário de Antônio Geraldo da CUNHA, encontramos a seguinte definição de homilia: “Sermão que tem por objeto explicar assuntos doutrinários.” (**Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**, p. 415).

O uso do termo “Homilética” referindo-se à pregação, data do século XVII, quando foi usado por Baier (1677) e Krumholf (1699).²¹

2.3. DEFINIÇÃO DA DISCIPLINA “HOMILÉTICA”:

Seguem abaixo algumas definições que, conjuntamente, podem nos oferecer uma visão mais abrangente do assunto:

“A Homilética é a ciência da qual a arte é a pregação e cujo produto é o sermão.”²²

“Homilética é a ciência que ensina os princípios fundamentais de discursos em público, aplicados na proclamação e ensino da verdade divina em reuniões regulares congregadas para o culto divino.”²³

“A adaptação da retórica às finalidades especiais e aos reclamos da prédica cristã.”²⁴

“A ciência que trata da análise, classificação, preparação, composição e entrega de sermões.”²⁵

“É a arte de compor e entregar²⁶ sermões.”²⁷

Sem dúvida, a Homilética é uma arte – já que exige força criativa –, que consiste na aplicação e adaptação dos princípios gerais da retórica à elaboração e transmissão do sermão. Assim sendo, podemos chamar a Homilética de “Retórica Sagrada”.²⁸

2.4. RETÓRICA E HOMILÉTICA:

2.4.1. Definição de Retórica:

A palavra “Retórica”, é uma transliteração do grego *R(htorikh/* (= “*eloquência*”). A palavra é proveniente de *R(h/twr* (= “*orador público*”, “*advogado*”, “*homem de Estado*”). Ocorre apenas em At 24.1, no NT. Estas palavras são derivadas de *R(h=ma* (= “*palavra*”, “*expressão verbal*”, “*lin*

linguagem”, “*poema*”). Em Aristóteles (384-322 aC.), *R(h=ma* significa um verbo, contrastando com um *o/noma*, substantivo.²⁹

Górgias (c. 483-c.375 aC), o sofista, disse que o objetivo da retórica é “pela palavra, convencer os juizes no tribunal, os senadores no conselho, os Eclesiastes na assembléia e em todo outro ajuntamento onde se congreguem cidadãos.”³⁰ Desta forma, a capacidade do retórico era demonstrada na habilidade de “disputar com qualquer pessoa sobre qualquer assunto” e isto se revelava na rapidez com que persuadia as multidões.³¹ A essência da retórica de Górgias era persuadir;³² e nisto a retórica sofista foi muito bem sucedida.³³

²¹ Cf. WM. M. TAYLOR, et. al. Homiletics: In: Philip SCHAFF, ed. **Religious Encyclopaedia: Or Dictionary of Biblical, Historical, Doutrinal, and Practical Theology**, Vol. II, p. 1011b.

²² W. BLACKWOOD, **The Fine Art of Preaching**, p. 25 e W. BLACKWOOD, **A Preparação de Sermões**, p. 21.

²³ HOPPIN, **Homiletics**, p. 9. Apud John A. BROADUS, **O Preparo e Entrega de Sermões**, p. 10.

²⁴ J. A. BROADUS, **O Preparo e Entrega de Sermões**, p. 10.

²⁵ Homiletics: In: William BENTON, Publisher, **Encyclopaedia Britannica**, Vol. 11, p. 706.

²⁶ “Entregar” aqui, deve ser lido como “enunciar”.

²⁷ Russel N. CHAMPLIN & João Marques BENTES, **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, Vol. II, p. 154. O autor acrescenta: “Como uma disciplina, a homilética é aquele ramo da teologia prática e das habilidades ministeriais que trata das regras relativas à preparação e entrega de sermões.” (**Ibidem.**, p. 154).

²⁸ O título do livro do Rev. Herculano GOUVÊA Jr, quem lecionou durante muitos anos esta disciplina no Seminário Presbiteriano do Sul, é: **Lições de Retórica Sagrada**.

²⁹ ARISTÓTELES, **Arte Poética**, XX 1457a, 10-14, p. 461.

³⁰ PLATÃO, **Górgias**, 452e, p. 58-59.

³¹ PLATÃO, **Ibidem.**, 457a, p. 67. Lembremo-nos que a Retórica Sofística, inventada por Górgias (c.483-c.375 aC), era famosa. Górgias dizia: “A palavra é uma grande dominadora que, com pequeníssimo e sumamente invisível corpo, realiza obras diviníssimas, pois pode fazer cessar o medo e tirar as dores, infundir a alegria e inspirar a piedade (...). O discurso, persuadindo a alma, obriga-a, convencida, a ter fé nas palavras e a consentir nos fatos (...). A persuasão, unida à palavra, impressiona a alma como quer (...). O poder do discurso com respeito à disposição da alma é idêntico ao dos remédios em relação à natureza do corpo. Com efeito, assim como os diferentes remédios expõem do corpo de

Platão (427-347 aC.) opõe-se à retórica de Górgias, porque ele crê na existência de critérios absolutos e universais, que possibilitem reconhecer o verdadeiro e o justo.³⁴ É justamente isto que distingue a retórica de Górgias da retórica de Platão. Na perspectiva de Platão, a retórica deveria ser utilizada por pessoas interessadas na verdade.³⁵

Aristóteles (384-322 aC.), definiu “Retórica” como sendo “a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão”.³⁶ Segundo ele, a tarefa da retórica, “não consiste em persuadir, mas em discernir os meios de persuadir a propósito de cada questão, como sucede com todas as demais artes.”³⁷ Aristóteles, dentro de uma perspectiva

Alguns fazem cessar o mal, outros a vida, assim também entre os discursos alguns afligem e outros deleitam, outros espantam, outros excitam até o ardor os seus ouvintes, outros envenenam e fascinam a alma com persuasões malvadas.” (GÓRGIAS, **Elogio de Helena**, 8, 14).

ética, observa ainda, que a retórica não deveria ser usada para a persuasão do imoral;³⁸ todavia, o mau uso da retórica não anulava o seu valor.³⁹

A Retórica é a arte de falar bem, visando a instrução e principalmente a persuasão. O fim da Retórica é convencer e, o instrumento de que dispõe é a palavra. Creio que Demócrito (c. 460- c.370 aC.), estava certo ao afirmar que “para a persuasão a palavra freqüentemente é mais forte que o ouro.”⁴⁰ Por isso, a arte da persuasão não acompanhada de um senso moral, torna-se extremamente perigosa, visto que podemos com a palavra, usando as técnicas da Retórica, tentar convencer que o branco é preto e vice versa, conforme o nosso interesse pessoal, agindo do mesmo modo que os sofistas na antigüidade. A obra de Demóstenes (c. 460-c. 370 aC.), *Oração à Coroa* e em Shakespeare (1564-1616), *Júlio César*, a oração de Marco Antônio diante do cadáver de César, se constituem em dois bons exemplos literários concernentes ao poder da retórica. A retórica cristã visa levar o ouvinte a fazer a vontade de Deus.

Tucídides (c. 465-395 aC.), observou em sua monumental obra, *História da Guerra do Peloponeso*, que: “A significação normal das palavras em relação aos atos muda segundo os caprichos dos homens. A audácia irracional passa a ser considerada lealdade corajosa em relação ao partido; a hesitação prudente se torna covardia dissimulada; a moderação passa a ser uma máscara para a fraqueza covarde, e agir inteligentemente equivale à inércia total. Os

cada um diferentes humores, e alguns fazem cessar o mal, outros a vida, assim também entre os discursos alguns afligem e outros deleitam, outros espantam, outros excitam até o ardor os seus ouvintes, outros envenenam e fascinam a alma com persuasões malvadas.” (GÓRGIAS, **Elogio de Helena**, 8, 14).

“Quanto à sabedoria e ao sábio, eu dou o nome de sábio ao indivíduo capaz de mudar o aspecto das coisas, fazendo ser e parecer bom para esta ou aquela pessoa o que era ou lhe parecia mau.” (Palavras de Protágoras, conforme, PLATÃO, **Teeteto**, 166d, p. 36).

“Mas deixaremos de lado Tísias e Górgias? Esses descobriram que o provável deve ser mais respeitado que o verdadeiro; chegariam até a provar, pela força da palavra, que as cousas miúdas são grandes e que as grandes são pequenas, que o novo é antigo e que o velho é novo.” (PLATÃO, **Fedro**, 267, p. 251). A retórica era uma das marcas características da sofística. (Cf. W.K. C. GUTRIE, **Os Sofistas**, p. 167).

³² PLATÃO, **Górgias**, 453a, p. 59-60; 455a, p. 64.

³³ Vd. Armando PLEBE, **Breve História da Retórica Antiga**, p. 21ss.

³⁴ PLATÃO, **Górgias**. 455a, p. 64.

³⁵ Vd. PLATÃO, **Fedro**, 278, p. 266-267; **Idem**, **Fédon**, 90bss. p. 102-103.

³⁶ ARISTÓTELES, **Arte Retórica**, I.2.1. p. 33.

³⁷ ARISTÓTELES, **Ibidem.**, I.1.14. p. 31.

³⁸ ARISTÓTELES, **Ibidem.**, I.1.12. p. 31.

³⁹ ARISTÓTELES, **Ibidem.**, I.1.13. p. 31. AGOSTINHO, escreveria mais tarde: “É um fato, que pela arte da retórica é possível persuadir o que é verdadeiro como o que é falso.” (AGOSTINHO, **A Doutrina Cristã**, IV.2.3. p. 214).

⁴⁰ DEMÓCRITO, **Fragmento** 51: In: Victor Civita, ed. **Os Pré-Socráticos**, p. 330. Demócrito estava muito atento à importância da persuasão; ele observou corretamente que aquele “que é conduzido ao dever pela persuasão, não é provável que, às ocultas ou às claras, cometa uma falta.” (**Frag.**, 181, p. 342).

impulsos precipitados são vistos como uma virtude viril, mas a prudência no deliberar é um pretexto para a omissão....”⁴¹

Sócrates (469-399 aC.) entendia que o mérito do orador residia em dizer a verdade.⁴² Somente nestes termos ele aceitaria ser chamado de orador.⁴³

Uma característica distintiva do homem é a capacidade de julgar, discernindo o bem do mal.⁴⁴ Esta capacidade deve ser exercitada por nós no emprego dos recursos que Deus nos tem fornecido. Dentro da nossa linha de estudo, devemos estar atentos ao uso que fazemos da palavra como instrumento de persuasão; como ouvintes, devemos também permanecer alerta para que não sejamos persuadidos pela beleza do discurso, sem verificar a sua validade. Resumindo: “Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo” (Cl 2.8).

2.4.2. A Relação entre a Retórica e a Homilética:

A Homilética se propõe a utilizar alguns dos recursos da Retórica para a transmissão da Palavra de Deus; desta forma, podemos dizer que a Retórica é o gênero e a Homilética é a espécie.

Se a Retórica visa convencer o homem quanto a qualquer tema; a Homilética, diferentemente, procura oferecer recursos para que possamos convencer – humanamente falando –, o homem quanto à necessidade de arrependimento e fé em Jesus Cristo. O seu objetivo, portanto, é mais nobre pois, está comprometido com a ordem de Cristo (Mt 28.20; Mc 16.15; At 1.8), a prática apostólica (Cf. At 13.43; 17.4; 19.8; 26.28; 28.23; 2Co 5.11) e a necessidade presente do homem, de encontrar a salvação em Cristo Jesus, em Quem somente há salvação (At 4.12).

2.5. A HOMILÉTICA NA IGREJA PRIMITIVA E PATRÍSTICA:⁴⁵

Os primeiros pregadores cristãos não se preocuparam com a Retórica clássica e, menos ainda com palavras de sabedoria (1Co 2.4,5). Eles seguiram o estilo dos escribas e anciãos da Sinagoga, evitando num primeiro momento, qualquer tipo de helenização. Este tipo de comportamento pode ser explicado da seguinte forma: **1)** Se eles queriam evangelizar os judeus, teriam que entrar no seu campo de estudo – o Antigo Testamento –, que de fato era a única porta de entrada, apresentando uma exegese contundente, todavia, com um quadro de referência diferente, considerando a explícita relação entre as profecias messiânicas e Jesus de Nazaré. Daí o ensino e pregação da Igreja que consistia numa confissão: “Jesus, o Cristo” (At 5.42); **2)** Qualquer tentativa de discurso que refletisse uma retórica grega, poderia proporcionar argumentos para os rabinos, de que o Cristianismo era um fenômeno desagregador da cultura judaica, o que contribuiria para a sua repulsa imediata; **3)** Os primeiros pregadores cristãos, em sua grande maioria, ignoravam a retórica grega. Havia por certo, nobres exceções, como por exemplo, Apolo de Alexandria (At 18.24), cidade cosmopolita e intelectualizada; e Paulo de Tarso, que deu mostra em seus escritos e sermões preservados por Lucas, de estar familiarizado com a Retórica e os poetas gregos; **4)** O descrédito da Retórica, devido aos falsos mestres que usavam deste recurso para ensinar sofismas, defendendo não a verdade mas sim, aquilo para o qual foram pagos.

A pregação da Igreja Primitiva consistia na demonstração de que as promessas do Antigo Testamento tinham se cumprido em Cristo, daí os pregadores recitarem passagens do AT. e

⁴¹ TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, II.82. p. 167.

⁴² PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, I. 18a, p. 11.

⁴³ *Ibidem.*, I.17b, p. 11

⁴⁴ ARISTÓTELES, *A Política*, I.1.10, p. 14.

⁴⁵ Seguiremos basicamente aqui, o esquema de Ralph G. TURNBULL, ed. *Baker's Dictionary of Practical Theology*, p. 50ss.

as explicarem à luz da vida e obra de Jesus, o Cristo.⁴⁶ Podemos dizer que uma das palavras-chaves na pregação apostólica era “*cumprimento*”.⁴⁷ Os apóstolos atribuíram ao AT. a mesma relevância que fora conferida por Jesus Cristo em Sua vida e ensinamentos. (Vd. Mc 8.31; Lc 4.21; 24.27,32,44; Jo 5.39; 10.35,36; 13.18; 17.12; 18.9; At 2.17-36; 3.11-26; 4.4; 5.42; 9.22; 13.22-42,44; 17.11; 18.28; 23.23-31, etc).

No período pós-apostólico as *homilias* consistiam numa simples exposição popular de alguma passagem das Escrituras lida na Congregação. Esta exposição, que tinha um caráter informal – tendo pouco ou nada a ver com a retórica grega –, era acompanhada de reflexões e exortações morais. Com o passar do tempo, a pregação cristã foi se tornando mais elaborada, deixando gradativamente o seu caráter até certo ponto informal. Esta transformação deve-se fundamentalmente aos seguintes motivos:⁴⁸

a) A disseminação do Evangelho entre os gentios: No mundo greco-romano a Retórica era a coroa da educação liberal, ganhando forte ênfase no quarto século. Pois bem, se um pregador desejasse ter um ouvido benigno para com a sua mensagem, num mundo com semelhante ênfase na oratória, seu estilo seria fundamental.

b) A Conversão de homens que já tinham sido treinados na Retórica: Destes convertidos, muitos se tornaram pregadores, usando naturalmente seus dotes oratórios e sua formação retórica na proclamação do Evangelho.

c) Ênfase na Retórica: Este argumento é decorrente do anterior. Ainda que no primeiro século a separação entre a pregação cristã e a retórica tivessem uma nítida distinção (Vd. 1Co 2.4,5), a partir do segundo século as diferenças tornaram-se cada vez mais tênues. Mesmo a Retórica não ocupando o mesmo lugar de destaque como, por exemplo, no tempo de Quintiliano (c. 35-100 AD), ela era enfatizada nas Escolas. No início da Idade Média, a Retórica teria um novo alento, quando a partir do V século, ela viria constituir-se juntamente com a Gramática e a Lógica, o *trivium* – um curso preparatório para o *quadrivium* (Aritmética, geometria, astronomia e música).⁴⁹ O *Trivium* e o *Quadrivium*.

⁴⁶Vd. James M. BOICE, O Pregador e a Palavra de Deus: In: J.M. BOICE, ed. **O Alicerce da Autoridade Bíblica**, p. 151ss.; Michael GREEN, **Evangelização na Igreja Primitiva**, p. 94ss.

⁴⁷O Evangelho é a boa mensagem de Deus, declarando que em Jesus Cristo, temos o cumprimento de Suas promessas a Israel, e que o caminho da salvação foi aberto a todos os povos. Deste modo, o Evangelho não deve ser colocado em contraposição ao Antigo Testamento, como se Deus tivesse alterado Sua maneira de tratar com o homem, mas antes, é o cumprimento da Sua promessa (Mt 11.2-5). O próprio Jesus, ao ler a profecia de Isaías, identificou-se como O que fora prometido (Lc 4.16-21). (Vd. R.H. MOUNCE, Evangelho: In: J.D. DOUGLAS, ed. org. **O Novo Dicionário da Bíblia**, Vol. I, p. 566). A novidade da Boa Mensagem não está, como se tem pretendido, em alguns dos seus conceitos, tais como: a Paternidade de Deus, o Deus de amor, perdão e misericórdia; pois nada disto falta ao Antigo Testamento. Ela também não consiste simplesmente, na ênfase destes elementos que, no caso, estariam sombreados no Antigo Testamento (embora isto também ocorra); na realidade, a novidade está na palavra já mencionada: CUMPRIMENTO. Aquilo que é prometido no Antigo Testamento, atingiu o seu clímax: o prometido se cumpriu. O Novo Testamento não diz algo novo a respeito de Deus; ele apenas mostra que Deus cumpriu as Suas promessas (Vd. Mt 1.22,23; 8.17; Mc 15.28; At 2.16-36; 13.32-35; 1Pe 1.10-12). (Vd. Chr. SENFT, Evangelho: In: Jean-Jacques VON ALLMEN, dir., **Vocabulário Bíblico**, p. 137 e M. GREEN, **Evangelização na Igreja Primitiva**, p. 95ss. J. CALVINO, escreveu: “Com efeito, recebo o Evangelho como a clara manifestação do mistério de Cristo. E uma vez que o Evangelho é chamado por Paulo ‘a doutrina da fé’ (1Tm 4.6), reconheço, na verdade, que se lhe contam como partes todas e quaisquer promessas que amiúde ocorrem na Lei acerca da graciosa remissão dos pecados, mediante as quais Deus reconcilia os homens a Si.” (J. CALVINO, **As Institutas**, II.9.2).

⁴⁸ Vd. J.A. BROADUS, **O Preparo e Entrega de Sermões**, p. 9-10; Ralph G. TURNBULL, **Baker’s Dictionary of Practical Theology**, p. 51-52.

⁴⁹ É óbvio que esta assimilação cristã da “cultura pagã”, envolvendo a “Filosofia” e a “Retórica”, não foi sem resistência já que nem todos concordavam em pagar um preço considerado por demais elevado: Justino, filósofo e Mártir (c. 100-c.165 AD), entendia que a Filosofia era “efetivamente, e na realidade o maior dos bens, e o mais precioso perante Deus, ao qual ela nos conduz e recomenda. E santos, na verdade, são aqueles que à filosofia consagram sua inteligência.” (Justino, **Diálogo com Trifão**, 2: In: Alexander ROBERTS & James DONALDSON, eds. **Ante-Nicene Fathers**, Vol. I, p. 195). Alhures, declara: “A felicidade é a ciência do ser e do conhecimento da verdade, e a felicidade é a recompensa desta ciência e deste conhecimento.” (JUSTINO, **Diálogo com Trifão**, 3: In: **Ibidem.**, p. 196). Clemente de Alexandria (c.153-c.215 AD), escreveu: “Até a vinda do Senhor a filosofia foi necessária aos gentios para alcançarem a

Os testemunhos históricos que temos a partir do segundo século, informam-nos que apesar de perseguidos, os cristãos davam o seu testemunho, sendo muitas vezes martirizados – aliás a palavra grega “mártir” significa “testemunha” –, vemos também que o seu comportamento era contagiante através de uma conduta diferente, que procurava se pautar pela Palavra de Deus.

Aqui torna-se oportuno transcrever parte de um documento anônimo, escrito ao que parece no final do 2º século, intitulado “*Carta a Diogneto*”, que consistia numa explicação do pensamento, conduta e fé cristã, dirigida a um pagão que, impressionado com o testemunho cristão, queria saber mais a respeito desta religião.⁵⁰

“Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por língua ou costumes. Com efeito, não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver. Sua doutrina não foi inventada por eles, graças ao talento e especulação de homens curiosos, nem professam, como outros, algum ensinamento humano. Pelo contrário, vivendo em cidades gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida social admirável e, sem dúvida, paradoxal. Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira. Casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. Põem a mesa em comum, mas não o leito; estão na carne, mas não vivem segundo a carne; moram na terra, mas têm sua cidadania no céu; obedecem às leis; amam a todos e são perseguidos por todos (...). Pelos judeus são combatidos como estrangeiros, pelos gregos são perseguidos, e aqueles que os odeiam não saberiam dizer o motivo do ódio.”⁵¹

Apesar de uma história de discriminação, perseguição e martírio, o Cristianismo cresceu... No IV século, o Imperador Constantino (280-337) promulgou o *Édito de Milão* (313), no qual declarava o fim das perseguições aos cristãos e a restituição de suas propriedades.⁵² Em 330, Constantino inaugurou a cidade de Constantinopla transferindo a capital de Roma para a nova cidade. Numa carta a Eusébio, bispo de Cesaréia, Constantino pedindo com urgência a preparação de 50 Bíblias para a nova capital, revela algo a respeito do crescimento do número de cristãos e de Igrejas: “Com a ajuda da providência de Deus, nosso Salvador, são muitíssimos os que se hão incorporado à santíssima Igreja na cidade que leva o meu nome. Parece, pois, mui conveniente que, respondendo ao rápido progresso da cidade sob todos os

justiça. Presentemente ela auxilia a religião verdadeira emprestando-lhe sua metodologia para guiar aqueles que chegam à fé pelo caminho da demonstração (...). Assim a filosofia foi um pedagogo que levou os gregos a Cristo (...), como a lei levou a Cristo os hebreus. A filosofia foi um preparo que abriu caminho à perfeição em Cristo.” (CLEMENTE, *Stromata*, I.5: In: *Ibidem.*, Vol. II, p. 305). Clemente acredita que a filosofia é boa e, que, por isso, deve ser estudada. “É inconcebível que a filosofia seja má, visto que torna os homens virtuosos. Portanto ela deve ser obra de Deus, que só pode fazer o bem; aliás, tudo o que vem de Deus é dado para o bem e recebido para o bem. E, por sinal, os homens maus não costumam interessar-se pela filosofia”. (CLEMENTE, *Stromata*, VI.17: In: *Ibidem.*, p. 517).

é que “a sabedoria deste mundo começou com a apostasia dos anjos, e esta é a causa pela qual os filósofos expõem as suas doutrinas sem estar em harmonia ou de acordo entre si.” (HÉRMIAS, *Escárnio dos Filósofos Pagãos*, 1. In: *Padres Apologistas*, p. 305). Assim, ele conclui o seu trabalho: “Expus amplamente tudo isso para demonstrar a contradição que existe nas doutrinas dos filósofos e como a investigação das coisas os leva até o infinito e indeterminado. O objeto deles é incomparável e inútil, pois não é confirmado por nenhum fato, nem por nenhum raciocínio claro.” (HÉRMIAS, *Escárnio dos Filósofos Pagãos*, 10. In: *Padres Apologistas*, p. 311). Para uma abordagem mais completa das opiniões do “Pais da Igreja”, Vd. Henri-Irénée MARROU, *História da Educação na Antiguidade*, p. 484ss; Etienne GILSON, *A Filosofia na Idade Média*, p. 1ss; Ruy A. da Costa NUNES, *História da Educação na Antiguidade Cristã*, p. 5ss; Philotheus BOEHNER & Etienne GILSON, *História da Filosofia Cristã*, p. 35; Battista MONDIN, *Curso de Filosofia*, Vol. I, p. 216-222).

⁵⁰ Vd. *Carta a Diogneto*, I: In: *Padres Apologistas*, p. 19.

⁵¹ *Carta a Diogneto*, V.1-11,17, p. 22-23.

⁵²Vd. EUSEBIO DE CESAREA, *Historia Ecclesiastica*, X.5.2-14. Sobre outras disposições de Constantino em favor dos cristãos, Vd. EUSEBIO DE CESAREA, *Historia Ecclesiastica*, X.5.15-17.

aspectos, se aumente também o número de Igrejas...”.⁵³ O cristianismo tornara-se popular, sendo seus cultos muito concorridos.

d) O Declínio dos Pregadores Judeus-Cristãos e Judeus: Temos aqui, ao meu ver, mais um efeito dos dois primeiros motivos. A pregação do estilo judeu cedeu lugar a uma pregação mais elaborada, modelada ao senso estético grego e romano.

Dentre os homens que se converteram ao Cristianismo e que deram contribuição à arte da pregação, destacamos: Clemente de Alexandria (c. 150-c.215); Tertuliano (c. 150-c. 220); Orígenes (185-254); Lactâncio (c. 240-c.320); Cipriano (200-285); Basílio Magno (c. 330-379); Arnobius (IV séc.), mestre de Retórica em Sicca, na província Romana da África; Crisóstomo (c. 347-407); Gregório de Nissa (c. 335-394); Ambrósio (340-397); João de Antíoco (347-407) e Agostinho de Hipona (354-430).

Foi Orígenes quem iniciou a caminhada de transição da “homilia” informal, para o sermão mais elaborado. Todavia, quem exerceu maior influência na pregação cristã deste período, foi Agostinho, na sua obra, *De Doctrina Christiana* (397-427), que tomando Paulo como “modelo de eloquência”,⁵⁴ seguiu de perto a Aristóteles e Cícero. Estabelecendo uma relação entre os princípios da teoria retórica com a tarefa da pregação, fazendo as adaptações necessárias,⁵⁵ ele insistiu – seguindo a Cícero –, que a pregação tem três propósitos: *Instruir* (docere); *Agradar* (delectare) e *Persuadir* (flectere), enfatizando este último.⁵⁶

Agostinho também deu ênfase à necessidade de haver um acordo entre a vida e as palavras do pregador, bem como a necessidade de oração como uma preparação para o sermão: “Quem quiser conhecer e ensinar deve, na verdade, primeiramente aprender tudo o que é preciso ensinar, e adquirir o talento da palavra como convém a um homem da Igreja. Mas no momento mesmo de falar, que pense nestas palavras do Senhor, que se aplicam particularmente o coração bem disposto: ‘Quando vos entregarem não fiquéis preocupados em saber como ou o que haveis de falar, porque não sereis vós que estareis falando naquela ora, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós’.”⁵⁷

⁵³ EUSEBIO, *The Life of Constantine*, IV.36: In: Philip SCHAFF & Henry WACE, eds. *Nicene and Post-Nicene Fathers of Christian Church*, (Second Series), Vol. I, p. 549.

⁵⁴ AGOSTINHO, *A Doutrina Cristã*, IV.7.15. p. 228.

⁵⁵ Vd. Por exemplo, AGOSTINHO, *Ibidem.*, IV.19.35. p. 248-249; IV.19.37. p. 250-251

⁵⁶ AGOSTINHO, *Ibidem.*, IV.12.27ss. p. 239ss.

⁵⁷ AGOSTINHO, *Ibidem.*, IV.16.32. p. 245.

III - O SERMÃO E A PREGAÇÃO: UMA PERSPECTIVA REFORMADA:

“Não é a engenhosidade de nossos métodos, nem as técnicas de nosso ministério, nem a perspicácia de nossos sermões que trazem poder ao nosso testemunho. É a obediência a um Deus santo e a fidelidade ao seu justo padrão em nosso viver diário.” – John F. MacArthur Jr.⁵⁸

“A preparação da pregação deve ser o dever primordial do pastor.” – Karl Barth.⁵⁹

Na Reforma Protestante do Século XVI, a Igreja foi compreendida dentro da perspectiva de “povo de Deus”, não simplesmente como um edifício ou uma organização institucional, mas sim, como povo de Deus que se reúne para adorar a Deus, sendo a Igreja caracterizada pela ministração correta da Palavra e dos Sacramentos.⁶⁰ Calvino (1509-1564) tratando desse assunto, insistiu no fato de que as marcas da Igreja são: A verdadeira pregação da Palavra de Deus e a correta administração dos Sacramentos.⁶¹ Esta concepção pode ser resumida na afirmação de que Cristo é a marca essencial da Igreja, visto ser Ele “o centro da Palavra e o cerne dos sacramentos.”⁶²

Os reformadores vão enfatizar o estudo da Palavra, visto que este fora ofuscado pela preocupação filosófica: A Razão havia tomado o lugar da Revelação. Na Reforma, o ponto de partida não é o homem; ele não é considerado “a medida de todas as coisas”; antes, a sua dignidade consiste em ter sido criado à imagem de Deus.⁶³

A Reforma teve como objetivo precípuo uma volta às Sagradas Escrituras, a fim de reformar a Igreja que havia caído ao longo dos séculos, numa decadência teológica, moral e espiritual. A preocupação dos reformadores era principalmente “a reforma da vida, da adoração e da doutrina à luz da Palavra de Deus”.⁶⁴ Desta forma, a partir da Palavra, passaram a pensar acerca de Deus, do homem e do mundo! “A reforma foi acima de tudo uma proclamação positiva do evangelho Cristo.”⁶⁵

O Calvinismo, com sua ênfase na centralidade das Escrituras, é mais do que um sistema teológico, é sobretudo, uma maneira teocêntrica de ver, interpretar e atuar na história.⁶⁶

Aliás, a Reforma teve como um de seus marcos fundamentais o “reavivamento” da pregação da Palavra.⁶⁷ À Igreja foi confiada a Palavra de Deus, a qual ela deve preservar em seus ensinamentos e prática (Rm 3.2; 1Tm 3.15). Calvino entendia que “a verdade, porém, só é preservada no mundo através do ministério da Igreja. Daí, que peso de responsabilidade repousa sobre os pastores, a quem se tem confiado o encargo de um tesouro tão

⁵⁸John F. MACARTHUR JR., **Com Vergonha do Evangelho**, p. 97.

⁵⁹Karl BARTH, **A Proclamacion del Evangelio**, p. 83.

⁶⁰Vd. John H. LEITH, **A Tradição Reformada: Uma maneira de ser a comunidade cristã**, p. 330ss.

⁶¹J. CALVINO, **As Institutas**, (Dedicatória: Carta ao Rei Francisco, X), Livro IV. Capítulo 1, Seções 9-12; Livro IV, Capítulo 2, Seção 1. Do mesmo modo a **Confissão de Augsburgo** (1530), escrita por Melanchton, Art. 7.

⁶²Bruce MILNE, **Conheça a Verdade**, p. 227. (Veja-se, D.M. LLOYD-JONES, **O Combate Cristão**, p. 128).

⁶³Vejam-se, J. CALVINO, **As Institutas**, I.15.3 e 4.; Francis A. SCHAEFFER, **A Morte da Razão**, p. 20ss.

⁶⁴Colin BROWN, **Filosofia e Fé Cristã**, p. 36.

⁶⁵John H. LEITH, **A Tradição Reformada: Uma maneira de ser a comunidade cristã**, p. 36.

⁶⁶Do mesmo modo, diz J.D. Douglas: “O Calvinismo era mais do que um credo; era uma filosofia compreensiva que abrangia toda a vida” (J.D. DOUGLAS, **A Contribuição do Calvinismo na Escócia**: In: W. Stanford REID, ed. **Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental**, p. 290).

⁶⁷Vd. John H. LEITH, **A Tradição Reformada: Uma maneira de ser a comunidade cristã**, p. 125; Roland H. BAINTON, **Martin Lutero**, p. 391; W. Stanford REID, **A Propagação do Calvinismo no Século XVI**: In: W. S. REID, ed. **Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental**, p. 49. Podemos dizer que na Reforma houve uma revitalização da Pregação Bíblica. A Palavra de Deus passou a ser pregada com ênfase e, a pregação passou a ser estudada considerando-se a sua natureza e propósito. No período da Renascença e da Reforma houve diversas contribuições neste campo (Para uma amostragem destas, Veja-se: Vernon L. STANFIELD, **The History of Homiletics**: In: Ralph G. TURNBULL, ed. **Baker's Dictionary of Practical Theology**, p. 52-53).

inestimável!”.⁶⁸ Escrevendo a Cranmer (jul/1552?) diz: “A sã doutrina certamente jamais prevalecerá, até que as igrejas sejam melhor providas de pastores qualificados que possam desempenhar com seriedade o ofício de pastor.”⁶⁹

Calvino, fiel à sua compreensão da relevância da pregação bíblica,⁷⁰ usou de modo especial, o método de expor e aplicar⁷¹ quase todos os livros das Escrituras à sua congregação. A sua mensagem se constitui num monumento de exegese, clareza⁷² e fidelidade à Palavra, sabendo aplicá-la com maestria aos seus ouvintes. De fato, não deixa de ser surpreendente, o conselho de Jacobus Arminius (1560-1609): “Eu exorto aos estudantes que depois das Sagradas Escrituras leiam os Comentários de Calvino, pois eu lhes digo que ele é incomparável na interpretação da Escritura.”⁷³ A fecundidade exegética de Calvino tinha sempre uma preocupação primordialmente pastoral.⁷⁴ Estima-se que Calvino durante os seus trinta e cinco anos de Ministério – pregando dois sermões por domingo e uma vez por dia em semanas alternada – tenha pregado mais de três mil sermões.⁷⁵ Calvino, entendia que Deus, na Sua Palavra, “se acomodava à nossa capacidade”,⁷⁶ balbuciando a Sua Palavra a nós como as amas fazem com as crianças.⁷⁷ “... Deus,

⁶⁸João CALVINO, **As Pastorais**, (1Tm 3.15), p. 97. Calvino, comentando a expressão “coluna da verdade”, continua falando da responsabilidade dos pastores: “Deus mesmo não desce do céu para nós, nem diariamente nos envia mensageiros angelicais para que publiquem sua verdade, senão que usa as atividades dos pastores, a quem destinou para esse propósito.” (**Ibidem.**, p. 97). “... Em relação aos homens, a Igreja mantém a verdade porque, por meio da pregação, a Igreja a proclama, a conserva pura e íntegra, a transmite à posteridade.” (**Ibidem.**, p. 98). Vd. também, **As Institutas**, IV.1.5.

⁶⁹Calvin to Cranmer, “Letter,” **John Calvin Collection**, [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), 18. Do mesmo modo, **Letters of John Calvin**, Selected from the Bonnet Edition, p. 141-142.

⁷⁰ Ele escreveu: “... Quão necessária é a pregação da Palavra, e quão indispensável é que a mesma seja realizada continuamente.” [João CALVINO, **Exposição de 1 Coríntios**, (1Co 3.6), p. 103].

⁷¹Vd. T.H.L. PARKER, **Calvin’s Preaching**, p. 79ss.

⁷² “Os comentários de Calvino são modelos de clareza e excelência” [Moisés SILVA, O Argumento em Favor da Hermenêutica de Calvino: In: **Fides Reformata** 5/1 (2000), p. 7].

⁷³Carta escrita a Sebastian Egbertsz, publicada em 1704. Vd. F.F. BRUCE, The History of New Testament Study. In: I.H. MARSHALL, ed. **New Testament Interpretation; Essays on Principles and Method**, p. 33. A. Mitchell HUNTER, **The Teaching of Calvin: A Modern Interpretation**, p. 20; P. SCHAFF, **History of the Christian Church**, Vol. VIII, p. 280.

⁷⁴ “O maior exegeta do seu tempo sempre manifestou nos seus sermões preocupação nitidamente pastoral.” (Henri STROHL, **O Pensamento da Reforma**, p. 222). Vd. também: W. Gray CRAMPTON, **What Calvin Says**, p. 28.

⁷⁵Cf. J.H. LEITH, **A Tradição Reformada: Uma maneira de ser a comunidade cristã**, p. 126; T. GEORGE, **Teologia dos Reformadores**, p. 187. Bouwsma calcula que Calvino tenha pregado cerca de 4 mil sermões depois que voltou para Genebra em 1541. (William J. BOUWSMA, **John Calvin: A Sixteenth-Century Portrait**, p. 29). Em 11/9/1542, o Conselho decidiu que Calvino aos domingos, não pregasse mais do que um sermão. (Cf. W. GREEF, **The Writings of John Calvin: An Introductory Guide**, p. 110).

⁷⁶J. CALVINO, **Exposição de 1 Coríntios**, (1Co 2.7), p. 82. “Não podemos compreender plenamente a Deus em toda a sua grandeza, mas que há certos limites dentro dos quais os homens devem manter-se, embora Deus acomode à nossa tacanha capacidade toda declaração que faz de si mesmo. Portanto, somente os estultos é que buscam conhecer a essência de Deus.” [João CALVINO, **Exposição de Romanos**, (Rm 1.19), p. 64]. “O Espírito Santo propositadamente acomoda ao nosso entendimento os modelos de oração registrados na Escritura.” [João CALVINO, **O Livro dos Salmos**, Vol. 1, (Sl 13.3), p. 265].

⁷⁷Calvino usou deste recurso hermenêutico para explicar assuntos aparentemente contraditórios na Bíblia. Falando sobre os antropomorfismos bíblicos, diz em lugares diferentes: “Pois quem, mesmo que de bem pouco entendimento, não percebe que Deus assim conosco fala como que a balbuciar, como as amas costumam fazer com as crianças? Por isso, formas de expressão que tais não exprimem, de maneira clara e precisa, tanto quê Deus seja, quanto Lhe acomodam o conhecimento à paucidade da compreensão nossa. Para que assim se dê, necessário Lhe é descer muito abaixo de Sua excelssitude.” (J. CALVINO, **As Institutas**, I.13.1). “A descrição que dEle se nos outorga tem de acomodar-se-nos à capacidade, para que seja de nós entendida. Esta é, na verdade, a forma de acomodar-se: que tal se nos represente, não qual é em Si, porém, qual é possível de ser de nós apreendido.” (J. CALVINO, **As Institutas**, I.17.13). Ver também: [João CALVINO, **O Livro dos Salmos**, Vol. 1, (Sl 13.3), p. 265; Vol. 2, (Sl 50.14), p. 409; **Commentary on the Book of Psalms**, Grand Rapids, Michigan, Baker Book House (Calvin’s Commentaries, Vol. V), 1996 (Reprinted), (Sl 78.65), p. 274; **As Institutas**, 1.14.3,11; I.16.9; IV.17.11]. Disto, ele tirou um princípio pedagógico: “Um sábio mestre tem a responsabilidade de acomodar-se ao poder de compreensão daqueles a quem ele administra o ensino, de modo a iniciar-

acomodasse ao nosso modo ordinário de falar por causa de nossa ignorância, às vezes também, se me é permitida a expressão, gagueja.”⁷⁸ Resumindo: “Em Cristo, Deus, por assim dizer, tornou-se pequeno, para acomodar-se à nossa compreensão”.⁷⁹ Portanto, quando lemos as Escrituras, “somos arrebatados mais pela dignidade do conteúdo que pela graça da linguagem.”⁸⁰

Esses pontos tornam o homem inescusável e realçam a relevância das Escrituras para a vida cristã. Ele diz: “Ora, primeiro, com Sua Palavra nos ensina e instrui o Senhor; então, com os sacramentos no-la confirma; finalmente, com a luz de Seu Santo Espírito a mente nos ilumina e abre acesso em nosso coração à Palavra e aos sacramentos, que, de outra sorte, apenas feririam os ouvidos e aos olhos se apresentariam, mas, longe estariam de afetar-nos o íntimo.”⁸¹ Aqui temos um paradoxo: A Palavra acomodatória de Deus permanece, entretanto, como algo misterioso para os que não crêem ou que desejam entendê-la por sua própria sabedoria pois, os “tesouros da sabedoria celestial”, acham-se fora “do alcance da cultura humana.”⁸² Todos somos incapazes de entender os “mistérios de Deus” até que Ele mesmo por Sua graça nos ilumine.⁸³

O Comentário de Romanos não foge a este princípio, o reconhecimento de que é o Espírito Quem deve nos guiar na compreensão das Escrituras. E, o conselho que o próprio Calvino emitiu no Prefácio à edição francesa das *Institutas* (1541), permanece para todas as suas obras, também como princípio avaliador de qualquer labor humano: “Importa em tudo quanto exponho recorrer ao testemunho da Escritura, que aduzo para ajuizar da procedência e justeza do que afirmo.”

Em 28 de abril de 1564, um mês antes de morrer, tendo os ministros de Genebra à sua volta, Calvino despede-se;⁸⁴ a certa altura diz: “A respeito de minha doutrina, ensinei fielmente e Deus me deu a graça de escrever. Fiz isso do modo mais fiel possível e nunca corrompi uma só passagem das Escrituras, nem conscientemente as distorci. Quando fui tentado a requintes, resisti à tentação e sempre estudei a simplicidade. “Nunca escrevi nada com ódio de alguém, mas sempre coloquei fielmente diante de mim o que julguei ser a glória de Deus.”⁸⁵

Na seqüência, acrescenta: “.... Esquecia-me de um ponto: peço-lhes que não façam mudanças, nem inovem. As pessoas muitas vezes pedem novidade.” “Não que eu queira por

se com os princípios rudimentares quando instrui os débeis e ignorantes, não lhes dando algo que porventura seja mais forte do que podem suportar” (J. CALVINO, **Exposição de 1 Coríntios**, (1Co 3.1), p. 98-99).

⁷⁸John CALVIN, **Commentary on the Gospel According to John**, (Jo 21.25), p. 299.

⁷⁹John CALVIN, **Calvin's Commentaries**, (1Pe 1.21), p. 54.

⁸⁰J. CALVINO, **As Institutas**, I.8.1. Calvino, continua: “Ora, e não sem a exímia providência de Deus isto se faz, que sublimes mistérios do reino celeste fossem, em larga medida transmitidos em termos de linguagem apoucada e sem realce, para que houvessem eles de ser adereçados em mais esplendorosa eloqüência, os ímpios não alegassem cavilosamente que a só força desta aqui impera.

“Agora, quando essa não burilada e quase rústica simplicidade provoca maior reverência de si que qualquer eloqüência de retóricos oradores, que é de julgar-se, senão que a pujança da verdade da Sagrada Escritura tão sobranceira se estadeia, que não necessite do artifício das palavras?” (J. CALVINO, **As Institutas**, I.8.1). No entanto, ele também entendia que “alguns Profetas têm um modo de dizer elegante e polido, até mesmo esplendoroso, assim que a eloqüência lhes não cede aos escritores profanos.” (J. CALVINO, **As Institutas**, I.8.2).

⁸¹J. CALVINO, **As Institutas**, IV.14.8. Vd. também J. CALVINO, **Exposição de Romanos**, (10.16), p. 373-374.

⁸²J. CALVINO, **Exposição de Romanos**, (16.21), p. 522.

⁸³Cf. João CALVINO, **As Institutas**, II.2.21.

⁸⁴Vd. Theodore BEZA, **Life of John Calvin: In: Tracts and Treatises on the Reformation of the Church**, Vol. I, p. cxxxi; J.T. MCNEILL, **The History and Character of Calvinism**, p. 227. Após sua morte (27/05/1564), Beza que o acompanhou durante todo o tempo, escreveu: “Nessa dia, com o crepúsculo, a mais brilhante luz que já houve no mundo para a orientação da Igreja de Deus foi levada de volta para os céus.” (Apud J.T. MCNEILL, **The History and Character of Calvinism**, p. 227).

⁸⁵Apud Calvin, **Textes Choisis** par Charles GAGNEBIN, p. 42-43. (Há tradução em inglês, **Letters of John Calvin**, Selected from the Bonnet Edition, p. 259-260; Vd. também: P. Schaff, **History of the Christian Church**, Vol. VIII, p. 833-834).

minha própria causa, por ambição, a permanência do que estabeleci, e que o povo o conserve sem desejar algo melhor; mas porque as mudanças são perigosas, e às vezes nocivas....”⁸⁶

“Agora, quando essa não burilada e quase rústica simplicidade provoca maior reverência de si que qualquer eloqüência de retóricos oradores, que é de julgar-se, senão que a pujança

Calvino entendia que “com a oração encontramos e desenterramos os tesouros que se mostram e descobrem à nossa fé pelo Evangelho”⁸⁷ e, que “a oração é um dever compulsório de todos os dias e de todos os momentos de nossa vida”⁸⁸ e: “Os crentes genuínos, quando confiam em Deus, não se tornam por essa conta negligentes à oração.”⁸⁹ Aqui está o segredo da Palavra de Deus, segundo a percepção de Calvino: Estudo humilde⁹⁰ e oração, atitudes que se revelam em nossa obediência a Cristo.⁹¹ Schaff resume: “Absoluta obediência de seu intelecto à Palavra de Deus, e obediência de sua vontade à vontade de Deus: esta foi a alma de sua religião.”⁹² “A oração tem primazia na adoração e no serviço a Deus.”⁹³

Cerca de 300 anos depois, um erudito católico francês, Ernest Renan (1823-1892), como um dos primeiros historiadores da França, revela a sua incompreensão diante da figura inquietante daquele personagem distante no tempo e nas idéias mas, que continuava vivo em seu país e em quase todo mundo Ocidental. Assim, nos seus *Estudos da História das Religiões*, revela sua perplexidade:

“Era Calvino um daqueles homens absolutos que parecem ter sido vazados de um só jato num molde, e que se estudam por meio de um simples olhar. Uma carta, um gesto é bastante para se formar deles um juízo.... Não dava importância a riquezas nem a títulos, nem a honras; indiferente às pompas, modesto no viver, aparentemente humilde, tudo sacrificava ao desejo de tornar os outros iguais a si. Excetuando Inácio de Loyola, não conheço outro homem que pudesse rivalizar com ele nestes raros predicados. É

⁸⁶ Apud Calvin, Textes Choisis par Charles GAGNEBIN, p. 43. (Na tradução em inglês, **Letters of John Calvin**, p. 260).

⁸⁷ J. CALVINO, **As Institutas**, III.20.2. Em outro lugar escreve: “Se devemos receber algum fruto de nossas orações, devemos também crer que os ouvidos de Deus não se fecharam contra elas.” [João CALVINO, **O Livro dos Salmos**, (Sl 6.8-10), Vol. 1, p. 133]. “A genuína oração provém, antes de tudo, de um real senso de nossa necessidade, e, em seguida, da fé nas promessas de Deus. (João CALVINO, **O Livro dos Salmos**, Vol. 1, p. 34). “Nossas orações só são aceitáveis quando as oferecemos em submissão aos mandamentos de Deus e somos por elas animados a uma consideração da promessa que Ele tem formulado.” [João CALVINO, **O Livro dos Salmos**, Vol. 2, (Sl 50.15), p. 412]. Comentando Rm 12.12, enfatiza que “a diligência na oração é o melhor antídoto contra o risco de soçobramos.” [João CALVINO, **Exposição de Romanos**, (12.12), p. 438].

⁸⁸ João CALVINO, **O Livro dos Salmos**, Vol. 2, (Sl 50.14-15), p. 410.

⁸⁹ João CALVINO, **O Livro dos Salmos**, Vol. 1, (Sl 30.6), p. 633. “Quando a segurança carnal se haja assenhorado de alguém, tal pessoa não pode entregar-se alegremente à oração até que seja feita maleável pela cruz e completamente subjugada. E esta é a vantagem primordial das aflições, ou seja, enquanto nos tornamos conscientes de nossa miséria, nos estimulamos novamente para suplicarmos o favor divino.” [João CALVINO, **O Livro dos Salmos**, Vol. 1, (Sl 30.8), p. 635].

⁹⁰ “Se me interrogues acerca dos preceitos da religião cristã, primeiro, segundo e terceiro, aprazer-me-ia responder sempre: a humildade.” (J. CALVINO, **As Institutas**, II.2.11). “Ao cultivarmos a bondade fraternal, é mister que comecemos com a humildade. (...) Será inútil a mansidão, a menos que tenhamos iniciado com a humildade.” [João CALVINO, **Efésios**, (Ef 4.1), p. 108].

⁹¹ “Sempre que a carne, ou seja, a corrupção natural, governa uma pessoa, ela toma posse de sua mente para que a sabedoria divina não logre entrada. Em razão disto, se porventura desejamos lograr algum progresso na escola do Senhor, devemos antes renunciar nosso próprio entendimento e nossa própria vontade.” [João CALVINO, **Exposição de 1 Coríntios**, (1Co 3.3), p. 100]. “Os filósofos pagãos põem a razão como o único guia de vida, de sabedoria e conduta, porém a filosofia cristã demanda que rendamos nossa razão ao Espírito Santo, o que significa que já não mais vivemos para nós mesmos, senão que Cristo vive e reina em nós. Ver Rm 12.1; Ef 4.23; Gl 2.20.” (John CALVIN, **Golden Booklet of the True Christian Life**, p. 22).

⁹² Philip SCHAFF, **History of the Christian Church**, Vol. VIII, p. 310. Vd. também, P. SCHAFF, **The Creeds of Christendom**, I, p. 448.

⁹³ João CALVINO, **O Profeta Daniel: 1-6**, Vol. 1, (Dn 6.10), p. 371.

surpreendente como um homem cuja vida e cujos escritos atraem tão pouco as nossas simpatias se tornasse o centro de um tão grande movimento e que suas palavras tão ásperas, sua elocução tão severa, pudessem ter uma tão espantosa influência sobre os espíritos de seus contemporâneos. Como se pode explicar, por exemplo, que uma das mulheres mais distintas de seu tempo, Renata de França que, no seu palácio de Ferrara, se via cercada dos mais brilhantes talentos da Europa, se deixasse cativar por aquele severo doutrinador, enveredando, por sua influência, numa senda que tão espinhosa lhe deveria ter sido? Semelhantes vitórias só podem ser alcançadas por aqueles que trabalham com sincera convicção. Sem manifestar aquele ardente desejo de procurar o bem dos outros que foi o que assegurou a Lutero o bom êxito de seus trabalhos, sem possuir o encanto, a perigosa, posto que lânguida doçura de S. Francisco de Salles, Calvino saiu vitorioso, numa época e num país em que tudo anunciava uma reação contra o Cristianismo, e isso simplesmente por ser o maior cristão do seu século.”⁹⁴

A pregação não deve ser rejeitada; ela deve ser entendida como a Palavra de Deus para nós; recusá-la é o mesmo que rejeitar o Espírito (Cf. 1Ts 4.8). O mundo por sua vez, deseja ansiosamente ouvir, porém, não a Palavra de Deus (1Jo 4.5). Como há falsos pregadores e falsos mestres, é necessário “provar” o que está sendo proclamado para ver se o seu conteúdo se coaduna com a Palavra de Deus (At 17.11,12/1Jo 4.1-6). No entanto, neste período de grandes e graves transformações, torna-se evidente que os homens, de forma cada vez mais veemente, querem ouvir mais o reflexo de seus desejos e pensamentos, a homologação de suas práticas. Assim sendo, a palavra que deveria ser profética, tende com demasiada freqüência – mesmo assinando o seu obituário –, a se tornar apenas algo apetecível ao “público alvo”, aos seus valores e devaneios,⁹⁵ ou, então, nós pregadores, somos tentados a usar de nossa “eloqüência” para compartilhar generalidades da semana, sempre, é claro, com uma alusão bíblica aqui ou ali, para justificar a nossa “pregação”;⁹⁶ o fato é que uma geração incrédula, é sempre acintosamente crítica para com a palavra profética.⁹⁷ Parece-me correto o comentário de Vincent quando declara que “A demanda gera o suprimento. Os ouvintes convidam e moldam os seus próprios pregadores. Se as pessoas desejam um bezerro para adorar, o ministro que fabrica bezerras logo é encontrado.”⁹⁸ É preciso atenção redobrada para não cairmos nesta armadilha já que não é difícil confundir os efeitos de uma mensagem pelo conteúdo do que anunciamos: a pregação deve ser avaliada pelo seu conteúdo não pelos seus supostos resultados. Esse assunto está ligado à vertente relacionada ao crescimento de igreja. Iain Murray está correto ao afirmar: “O crescimento espiritual na graça de Cristo vem em primeiro lugar. Onde esse crescimento é menosprezado em troca da busca de resultados, pode haver sucesso, mas será de pouca duração e, no final, diminuirá a eficácia genuína da Igreja. A dependência de número de membros ou a preocupação com números freqüentemente tem se confirmado como uma armadilha para a igreja.”⁹⁹

⁹⁴ Ernst Renan, *Études d'histoire religieuse*, 7ª ed. Paris, 1880, p. 342. Apud Philip SCHAFF, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, 279-280.

⁹⁵ R.B. Kuiper, com indisfarçável e justa tristeza, diz: “Os membros das igrejas querem que lhes falem do púlpito sobre o que fazer, mas raramente sobre o que crer. A maioria deles não se interessa por teologia, e dos poucos que se interessam, cada qual quer o seu próprio doutor em teologia. Seus pastores de boa vontade os deixam seguir seu caminho. Houve tempo em que os filhos da aliança eram instruídos por seus pastores nas verdades da religião cristã. Hoje são poucos os que tentam fazer isso.” (R.B. KUIPER, *Evangelização Teocêntrica*, p. 146).

⁹⁶Vd. D. Martyn LLOYD-JONES, *As Insondáveis Riquezas de Cristo*, p. 52.

⁹⁷Vd. D. Martyn LLOYD-JONES, *Do Temor à Fé*, p. 46-47.

⁹⁸ Marvin R. VINCENT, *Word Studies in the New Testament*, Vol. 4, (2Tm 4.3), p. 321.

⁹⁹Iain MURRAY, A Igreja: Crescimento e Sucesso: In: *Fé para Hoje*, nº 6, p. 27.

A confusão é fácil de ser feita porque, como acentua MacArthur: “O pregador que traz a mensagem que mais necessitam ouvir é aquele que eles menos gostam de ouvir.”¹⁰⁰ Portanto, a popularidade pode em muitos casos, ser um atestado da infidelidade do pregador na transmissão da voz profética. Esperar a aprovação unânime da Igreja ao que pregamos, é um forte sintoma de imaturidade. Lembremo-nos: “Toda a tarefa do ministro fiel gira em torno da Palavra de Deus – guardá-la, estudá-la e proclamá-la”¹⁰¹e: “Ninguém pode pregar com poder sobrenatural, se não pregar a Palavra de Deus.”¹⁰² No final, quando Cristo retornar, certamente Ele não se interessará pela nossa escola homilética ou, se fomos “progressistas” ou “conservadores” mas sim, se fomos fiéis à Palavra em nossa vida e pregação.

Insistimos: devemos estar sinceramente atentos ao que o Espírito diz à Igreja através da Palavra, a fim de praticar os Seus ensinamentos. E isto é válido tanto para quem ouve como para quem prega...

Por outro lado, aquele que prega deve ter consciência de que o púlpito não é o lugar para se exercitar as opiniões pessoais e subjetivas mas sim, para pregar a Palavra,¹⁰³ anunciando todo o desígnio de Deus, sob a iluminação do Espírito. Alexander R. Vinet (1797-1847) definiu bem a pregação, ao dizer ser ela “a explicação da Palavra de Deus, a exposição das verdades cristãs, e a aplicação dessas verdades ao nosso rebanho.”¹⁰⁴

Uma outra verdade que precisa ser ressaltada, é que apesar de muitos de nós não sermos “grandes” pregadores¹⁰⁵ ou existirem pregadores infiéis, Deus fala: A Palavra de Deus é mais poderosa do que a nossa incompetência ou a infidelidade de outros. Deus não conhece empecilho para a Sua vontade: nem mesmo um mal pregador. Por isso, há a responsabilidade de ambos os lados: Quem prega, pregue a Palavra; quem ouve, ouça com discernimento a Palavra do Espírito de Deus.

Devemos ter sempre em mente que a pregação foi o meio deliberadamente escolhido por Deus para transformar pessoas e edificar o Seu povo, preservando a sã doutrina através da Igreja que é o baluarte da verdade.¹⁰⁶

¹⁰⁰ John F. MACARTHUR, **Com Vergonha do Evangelho**, p. 35. Packer, faz uma pergunta inquietante: “Costumamos lamentar, hoje em dia, que os ministros não sabem pregar; mas não é igualmente verdadeiro que nossas congregações não sabem ouvir?” (J.I. PACKER, **Entre os Gigantes de Deus: Uma visão puritana da vida cristã**, p. 275).

¹⁰¹ John F. MACARTHUR, **Com Vergonha do Evangelho**, p. 29.

¹⁰² John F. MACARTHUR, **Com Vergonha do Evangelho**, p. 30.

¹⁰³ Agostinho (354-430), o grande bispo de Hipona, em sua obra **De Doctrina Christiana** (397-427), tomando Paulo como “modelo de eloquência” (AGOSTINHO, **A Doutrina Cristã**, IV.7.15), seguiu de perto a Aristóteles e Cícero. Ele estabeleceu uma relação entre os princípios da teoria retórica com a tarefa da pregação, fazendo as adaptações necessárias (Vd. Por exemplo, AGOSTINHO, **A Doutrina Cristã**, IV.19.35 e 37). Insistiu, também, – seguindo a Cícero –, que a pregação tem três propósitos: **Instruir** (docere); **Agradar** (delectare) e **Persuadir** (flectere), enfatizando este último. (AGOSTINHO, **A Doutrina Cristã**, IV.12.27ss.). Agostinho, afirmou – e é este ponto que queremos destacar –, que “O pregador é o que interpreta e ensina as verdades divinas.” (AGOSTINHO, **A Doutrina Cristã**, IV.4.6. p. 217).

¹⁰⁴ Alexander R. VINET, **Pastoral Theology: or, The Theory of the Evangelical Ministry**, p. 189.

¹⁰⁵É-nos alentadora a observação de Spurgeon: “O pregador do evangelho pode não ser um bom pregador. Mas o Senhor fala aos pecadores mesmo por meio de pregadores incultos.” (C.H. SPURGEON, **Sermões Sobre a Salvação**, p. 46).

¹⁰⁶MacArthur acentua com veemência em lugares diferentes: “... Não ousemos menosprezar o principal instrumento de evangelismo: a proclamação direta e cristocêntrica da genuína Palavra de Deus. Aqueles que trocam a Palavra por entretenimento ou artifícios descobrirão que não possuem um meio eficaz de alcançar as pessoas com a verdade de Cristo.” (John F. MACARTHUR JR., **Com Vergonha do Evangelho**, p. 117-118). “Os que desejam colocar a dramatização, a música e outros meios mais sutis no lugar da pregação deveriam levar em conta o seguinte: Deus, *intencionalmente*, escolheu uma mensagem e uma metodologia que a sabedoria deste mundo considera como loucura. O termo grego traduzido por ‘loucura’ [1Co 1.21] é *mōria*, de onde o idioma inglês tira a sua palavra *moronic* (imbecil). O instrumento que Deus utiliza para realizar a salvação é, literalmente, imbecil aos olhos da sabedoria humana. Mas é a única estratégia de Deus para proclamar a mensagem.” (**Ibidem.**, p. 130).

A pregação é uma tarefa de *ínterim*; ela ocorre num *locus temporal*: entre a realidade histórica do Cristo encarnado e a volta do Cristo glorificado e, é nesta condição que ela se realiza e se desenvolve.¹⁰⁷ A Igreja prega a Palavra cumprindo assim o seu ministério ordenado pelo próprio Deus; para tanto ela se prepara da melhor forma possível, usando de todos os recursos disponíveis que se harmonizam com os princípios bíblicos, recorrendo de modo indispensável ao auxílio do Espírito na concretização de sua missão. Tornemos ao nosso ponto.

3.1. REQUISITOS ESSENCIAIS À PREGAÇÃO EFICIENTE:

3.1.1. Dotes Naturais:

Deus chama os Seus servos e os capacita para a tarefa que eles terão de realizar. A pregação da Palavra exige dotes “naturais” como clareza de raciocínio, fluência, dicção clara, sensibilidade. Estes dotes podem e devem ser melhorados ou desenvolvidos. Calvino (1509-1564), corretamente acentuou que, “não é suficiente que uma pessoa seja eminente no conhecimento profundo, se não é acompanhada do talento para ensinar.”¹⁰⁸

No entanto, deve ser dito que se nós fomos chamados por Deus é porque Ele deseja falar ao povo através de nós; portanto, não tentemos ser outra pessoa; Deus nos usa, com nossas características e limitações na transmissão da Sua Palavra. “Mantenham sempre diante de suas mentes a grandeza do seu chamado”, aconselha Warfield.¹⁰⁹

3.1.2. Cultura Geral:

“O ministério é uma ‘profissão erudita’; e o homem sem conhecimento é desqualificado para estes deveres independentemente independentemente dos outros talentos que possa ter.” – B.B. Warfield.¹¹⁰

O Pregador deve procurar estar atualizado, ler jornais e revistas, assistir o noticiário da TV, procurando estar em dia com os acontecimentos do seu tempo.

Ao mesmo tempo, é imprescindível ao pregador o gosto pela leitura, quer clássica quer contemporânea, a fim de que possa ter melhores condições de ilustrar a sua mensagem, adquirir um raciocínio mais eficiente, ter enfim melhores recursos no convívio social e na transmissão da mensagem.

O pregador deve utilizar-se dos seus dotes naturais e, também, buscar outros recursos – concedidos pela sabedoria de Deus graciosamente demonstrada no mundo – que possam ser-lhe úteis. Por trás deste princípio, está aquele tão bem expresso por Calvino (1509-1564): “Toda verdade procede de Deus”¹¹¹ Aliás, Calvino, respondendo a uma possível pergunta referente à possibilidade de Paulo estar condenando a sabedoria de palavras como algo que se acha em oposição a Cristo (1Co 1.17), diz: “... Paulo não seria tão irracional que condenasse como algo fora de propósito aquelas artes, as quais, sem a menor dúvida, são esplêndidos dons de Deus, dons estes que poderíamos chamar de *instrumentos* para auxiliarem os homens no desempenho de suas atividades nobres. Portanto, não há nada de irreligioso nessas artes, pois são detentoras de ciência saudável, e estão subordinados a princípios verdadeiros; e visto que são úteis e adequáveis às atividades gerais da sociedade humana, é indubitável que sua origem está no Espírito. Além do mais, a utilidade que é derivada e experienciada delas não deve ser atribuída a ninguém, senão a Deus. Portanto, o que Paulo

¹⁰⁷Anthony A. Hoekema, observou que: “O período entre a primeira e a segunda vinda de Cristo é a era missionária por excelência. Este é o tempo da graça, um tempo em que Deus convida e insta com todos os homens para serem salvos.” (A.A. HOEKEMA, *A Bíblia e o Futuro*, p. 187).

¹⁰⁸ J. CALVINO, *As Pastorais*, (1Tm 3.2), p. 87.

¹⁰⁹ B.B. WARFIELD, *A Vida Religiosa dos Estudantes de Teologia*, p. 26.

¹¹⁰B.B. WARFIELD, *A Vida Religiosa dos Estudantes de Teologia*, p. 9.

¹¹¹ J. CALVINO, *As Pastorais*, (Tt 1.12), p. 318.

diz aqui não deve ser considerado como um desdouro das artes, como se estas estivessem agindo contra a religião.”¹¹²

Deste modo, podemos perceber que a pregação não é algo simples. Se quisermos ser pregadores fiéis e, portanto, relevantes, devemos nos dedicar com afinco ao estudo sério e sistemático. “Não há lugar para a preguiça no ministério, ainda mais na pregação da Palavra. (...) Os que não assumirem o compromisso de dedicar-se com esforço à pregação devem ficar longo do púlpito.”¹¹³

No século XVII, Richard Baxter (1615-1691) já apontava para esta questão, indicando como um dos males de sua época, a preguiça de alguns ministros, mal este, que talvez ainda hoje sobreviva em determinados círculos.

“São poucos os que se preocupam em ser bem informados e bem preparados para a realização progressista da obra. Alguns não têm prazer nenhum em seus estudos, tomando para isso uma hora aqui, uma hora ali, e ainda como uma tarefa não bem vinda, que são forçados a fazer. Alegram-se quando podem escapar desse jugo. (...)”

“Na verdade, quantas coisas há, que o ministro tem que compreender! Quão defeituoso é ignorá-las! Quanto perdemos, quando não utilizamos esse conhecimento em nosso ministério! Muitos ministros só estudam o bastante para o preparo dos seus sermões e pouca coisa mais. Todavia existem muitos livros que podem ser lidos e muitos assuntos com os quais podemos familiarizar-nos.

“Mesmo em nossos sermões, muitas vezes negligenciamos estudar mais do que apenas reunir uns poucos dados, e deixamos de ir mais fundo, para ver como poderemos fazer que essas questões invadam os corações doutras pessoas. Devemos estudar as maneiras de persuadir os outros, de conquistar-lhes o íntimo e de expor a verdade ao vivo – e não

deixá-la no ar. A experiência nos diz que não podemos ser cultos ou sábios sem estudo árduo, sem trabalho incansável e sem exercício constante.”¹¹⁴

No entanto, a leitura não é apenas uma colagem de informações e interpretações. Ivan Lins (1904-1975), diz com acerto que “Os bons livros não valem só pelo que encerram, mais ainda pelo que sugerem.”¹¹⁵ O universo da leitura não está restrito ao conteúdo do lido mas, também, às idéias que dela procedem, quer sugeridas pelo escritor, quer fruto da imaginação daquele que o lê; o texto escrito, dentro de suas variadas interpretações perde a sua identidade autoral para ter agora co-autores que deles se valem na busca da compreensão do escrito e vivido.

Como o nome já diz em sua origem latina, o “leitor” (*legere*), é aquele que percorre a vista e ao mesmo tempo, interpreta o que está escrito. Por sua vez, *lego*, significa “reunir”, “colher”;¹¹⁶ portanto, o leitor é aquele que interpreta, colhendo de forma seletiva as informações e juízos.

Deste modo, podemos perceber que a pregação não é algo simples. Se quisermos ser pregadores fiéis e, portanto, relevantes, devemos nos dedicar com afinco ao estudo sério e sistemático.

No século XVII, Richard Baxter (1615-1691) já apontava para esta questão, indicando a preguiça de alguns ministros que, talvez ainda hoje persista:

“São poucos os que se preocupam em ser bem informados e bem preparados para a realização progressista da obra. Alguns não têm prazer nenhum em seus estudos, tomando

¹¹² J. CALVINO, **Exposição de 1 Coríntios**, (1Co 1.17), p. 53-54.

¹¹³ John F. MACARTHUR, JR., et. al. **Redescobrimo o Ministério Pastoral**, p. 290.

¹¹⁴ Richard BAXTER, **O Pastor Aprovado**, p. 82-83.

¹¹⁵ Ivan Monteiro de Barros LINS, **História do Positivismo no Brasil**, p. 5.

¹¹⁶ Vd. Antônio Geraldo da CUNHA, **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**, p. 471; Edson Nery da FONSECA, **Introdução à Biblioteconomia**, p. 75.

para isso uma hora aqui, uma hora ali, e ainda como uma tarefa não bem vinda, que são forçados a fazer. Alegram-se quando podem escapar desse jugo. (...)

“Na verdade, quantas coisas há, que o ministro tem que compreender! Quão defeituoso é ignorá-las! Quanto perdemos, quando não utilizamos esse conhecimento em nosso ministério! Muitos ministros só estudam o bastante para o preparo dos seus sermões e pouca coisa mais. Todavia existem muitos livros que podem ser lidos e muitos assuntos com os quais podemos familiarizar-nos.

“Mesmo em nossos sermões, muitas vezes negligenciamos estudar mais do que apenas reunir uns poucos dados, e deixamos de ir mais fundo, para ver como poderemos fazer que essas questões invadam os corações doutras pessoas. Devemos estudar as maneiras de persuadir os outros, de conquistar-lhes o íntimo e de expor a verdade ao vivo – e não deixá-la no ar. A experiência nos diz que não podemos ser cultos ou sábios sem estudo árduo, sem trabalho incansável e sem exercício constante.”¹¹⁷

3.1.3. Habilidade:

Saber escolher a disposição do material. Isto exige treino: Ouvir bons pregadores, ler sermões, praticar e praticar. Aprender sem praticar é o mesmo que arar e não semear. A prática da pregação é na realidade o ato de arar e semear ao mesmo tempo.

3.1.4- A Piedade

“Não se requer de um pastor apenas cultura, mas também inabalável fidelidade pela sã doutrina, ao ponto de jamais apartar-se dela”. – João Calvino.¹¹⁸

Em 1Tm 4.8, vemos que a piedade é essencial à pregação eficiente. A mensagem deve ser pregada para si mesmo; os ideais propostos devem se tornar os nossos ideais. A técnica e a homilética não devem nos conduzir a negligenciar a piedade. O sermão não deve ser visto como um fim em si mesmo mas, como um instrumento de Deus para a transmissão da Sua graça,¹¹⁹ para produzir fé nos Seus escolhidos (Rm 10.17; Tg 1.18; 1Pe 1.23).

Nós Reformados, genuinamente preocupados com a teologia como fundamento de uma prática verdadeiramente bíblica, devemos tomar em séria consideração a observação do eminente pregador, Reformado como nós, Lloyd-Jones (1899-1981):

“O ministro do Evangelho é um homem que está sempre lutando em duas frentes. Primeiro ele tem que concitar as pessoas a se interessarem por doutrina e pela teologia, todavia não demorará muito nisso antes de perceber que terá que abrir uma segunda frente e dizer às pessoas que não é suficiente interessar-se somente por doutrinas e teologia, que você corre o perigo de se tornar um mero intelectualista ortodoxo e de ir ficando negligente quanto à sua vida espiritual e quanto à vida da Igreja. Este é o perigo que assedia os que sustentam a posição reformada. Essas são as únicas pessoas realmente interessadas em teologia, pelo que o diabo vem a eles e os impele para demasiado longe na linha desse interesse, e eles tendem a tornar-se meros teólogos e só intelectualmente interessados na verdade.”¹²⁰

3.2. REQUISITOS FUNDAMENTAIS AO SERMÃO:

O sermão antes de ser elaborado deve ter uma estrutura em nossa mente. A estrutura é como uma planta na construção de um edifício. No entanto a estrutura sozinha de nada adianta, é preciso ser preenchida.

¹¹⁷ Richard BAXTER, *O Pastor Aprovado*, p. 82-83.

¹¹⁸ João CALVINO, *As Pastorais*, (Tt 1.9), p. 313.

¹¹⁹ Vd. A.W. BLACKWOOD, *A Preparação de Sermões*, p. 22.

¹²⁰ D. M. LLOYD-JONES, *Os Puritanos: Suas Origens e Seus Sucessores*, p. 22.

3.2.1 - Características básicas de uma boa estrutura:

a) Ponto:

Todo sermão deve seguir em torno de uma idéia central a qual serve de tese para ser demonstrada ou como pressuposto que é aceito, não precisando de demonstração. O ponto exerce uma força centrípeta que atrai todos os argumentos para si. Contudo, lembremo-nos sempre de que “o texto é que nos conduz não um tema.”¹²¹ Esse ponto deve ser deixado claro na mente de nossos ouvintes. Após o sermão, ainda que eles não se lembrem de tudo que falamos, saibam sobre o quê falamos e o quê sustentamos.

b) Unidade:

A unidade decorrente do texto, consiste na relação estabelecida entre as partes e o todo: Subordinar as idéias secundárias às primárias, apontando sempre para uma meta. Neste processo, precisamos omitir algumas coisas desnecessárias no momento, a fim de ressaltar a verdade focalizada. Assim, pregar não significa dizer tudo que sabemos a respeito do texto ou citar todos os textos da Bíblia que confirme o que estamos dizendo mas, ordenar as idéias de forma coerente e organizar o material de que dispomos de forma seletiva.

Para tanto precisamos de uma proposição específica para a qual o sermão caminha firmemente.

c) Ordem:

A pregação exige clareza e coordenação a fim de sermos bem compreendidos. A falta de ordem gera obscuridade.

A boa ordem exige a ligação entre as idéias a fim de que uma puxe a outra e cada uma delas, pressuponha a anterior. Esta disposição ordenada, caminha para um clímax, para o maior impacto, o coroamento da mensagem.

d) Proporção:

O sermão não deve ter uma ênfase exagerada num determinado argumento em prejuízo dos demais. Cada argumento deve ter o tempo necessário conforme a relevância dele para o seu sermão, a fim que não haja desproporção.

e) Movimento:

O sermão deve ter idéias coordenadas que estão a caminho de uma conclusão: Isto nós chamamos de movimento. Ele tem uma meta definida e nada deverá fazer com que ele se desvie da sua rota. Um sermão é uma tarefa com uma visão de seu objetivo; um sermão sem objetivo é apenas um aglomerado de palavras e conceitos isolados.

A vivacidade deste movimento, deste progresso no sermão é de grande importância para manter o auditório atento.

f) Fidelidade Textual:

O pregador proclama a Palavra de Deus. Para que isto seja feito com fidelidade, é necessária uma interpretação cuidadosa do texto Bíblico, considerando o seu contexto, uma exegese bem feita, a fim de que ensinemos com fidelidade o que o texto diz. Lutero acentuou que “Não há tesouro mais precioso nem coisa mais nobre na terra e nesta vida do que um verdadeiro e fiel pastor ou pregador.”¹²² Barth (1886-1968) exorta: “Para ser positiva, a pregação deve ser uma explicação da Escritura.”¹²³ Em outro lugar: “Aquele que deseja pregar deve estudar mui atentamente seu texto. Em vez de atenção, seria melhor dizer ‘zelo’, ou seja, esforço de aplicação para descobrir o que se diz neste texto que está aí diante

¹²¹ Karl BARTH, *A Proclamacion del Evangelio*, p. 102.

¹²² Martinho LUTERO, Uma Prédica Para que se Mandem os Filhos à Escola (1530): In: **Martinho Lutero: Obras Seleccionadas**, p. 336.

¹²³ Karl BARTH, *La Proclamacion del Evangelio*, p. 22. Ver também a página 37.

de seus olhos. Para isso é necessário um trabalho exegético, científico. Porque a Bíblia é também um documento histórico; nasceu em meio da vida dos homens.”¹²⁴

Fazendo uma pequena digressão, lembramos que Calvino (1509-1564), na sua carta dedicatória – dirigida a seu amigo de Basileia, Simon Grynaeus (1493-1540), a quem chama de “homem dotado de excelentes virtudes”¹²⁵ –, com quem discutira alguns anos antes sobre a melhor maneira de interpretar as Escrituras, concluía, conforme também pensava Grynaeus, que “a lúcida brevidade [*“perspicua brevitatis”*] constituía a peculiar virtude de um bom intérprete. Visto que quase a única tarefa do intérprete é penetrar fundo na mente do escritor a quem deseja interpretar, o mesmo erra seu alvo, ou, no mínimo, ultrapassa seus limites, se leva seus leitores para além do significado original do autor.”¹²⁶ Anos mais tarde (1546), escreveria: “... não aprecio as interpretações que são mais engenhosas do que sadias.”¹²⁷ Mesmo tendo consciência de que o “mundo” prefere aqueles que torcem o sentido literal do texto, fazendo alegorias ao invés de expor o genuíno sentido da passagem,¹²⁸ Calvino optou por uma interpretação que considerava ser a única bíblica, visto que para ele, “o genuíno significado da Escritura é único, natural e simples...”¹²⁹ Portanto, o que o norteia em seus comentários é a “brevidade na interpretação.” Pois bem, foi sob esta bandeira que Calvino comentou Romanos, guiado também por uma singular acuidade hermenêutica e exegética que lhe permitiram interpretar textos complexos com clareza, simplicidade e fidelidade textual,¹³⁰ não deixando de, de quando em vez, confessar a sua ignorância,¹³¹ reconhecer como não destituída de fundamento uma posição diferente da sua,¹³² deixar a critério do leitor a escolha da melhor interpretação apresentada,¹³³ seguir a

¹²⁴ Karl BARTH, **La Proclamacion del Evangelio**, p. 56-57.

¹²⁵ Antigo professor de Grego em Heidelberg (1524-1529) e, posteriormente, de Grego (1529) e Teologia (1536) em asiléia. Uma curiosidade: O historiador Hoornaert observa que a ausência de livros no Brasil, trouxe graves prejuízos ao cristianismo brasileiro: “O Brasil colonial constituiu praticamente uma civilização sem livro.” (Eduardo HOORNAERT, **Formação do Catolicismo Brasileiro: 1550-1800**, p. 20). Em outro lugar, insiste: “Difícil exagerar a influência negativa da inquisição sobre a formação de uma teologia livre e viva no Brasil. (...) É fácil imaginar o prejuízo decorrente desta falta de livros, ou melhor, de circulação de livros: não pode haver reflexão propriamente cristã sem espírito crítico, que se propaga pelos escritos. Um cristianismo sem livros se expõe ao perigo de tornar-se um cristianismo divorciado da teologia, um puro moralismo, um puro formalismo, um instrumento nas mãos dos poderosos.” (Eduardo HOORNAERT, et. al. **História da Igreja no Brasil: Ensaio de interpretação a partir do povo**, p. 325-326). A política da ignorância colonial, não se restringia à imprensa; adquirir livros importados no Brasil, também era praticamente impossível. O historiador paranaense Rocha Pombo (1857-1933), diz: “Obter um livro, em qualquer ponto da Colônia, era um grande problema: era preciso subtrair-lo à vigilância das autoridades, ou então alcançar uma licença especial para recebê-lo da Europa.” (José Francisco da ROCHA POMBO, **História do Brasil**, Vol. VII, p. 126).

Curiosamente, no Brasil entravam de alguma forma, obras “proibidas” de caráter político e filosófico, no entanto, não obras religiosas protestantes. Ao que parece, a “profilaxia” católica tinha sido tão bem feita, que nem sequer havia interesse pela literatura religiosa protestante, ainda que as obras de caráter não religioso, mesmo de autores protestantes fossem encontradas, por exemplo, na rica e variada biblioteca do Cônego de Mariana, Luís Vieira da Silva (1735-?), que dispunha de cerca de 800 volumes e 270 obras, isto em 1789. A biblioteca do Cônego – “o mais instruído e eloquente de todos os conjurados mineiros” –, dispunha do **Novus orbis regionum ac insularum veteribus incognitarum** (1532), obra de compilação das narrativas de diversos viajantes, feita pelo filólogo protestante alemão Simon Grynaeus. (Vd. Eduardo FRIEIRO, **O Diabo na Livraria do Cônego; Como era Gonzaga?; e Outros temas mineiros**, p. 13,20,24,30, 35,55).

¹²⁶ João CALVINO, **Exposição de Romanos**, Dedicatória, p. 19.

¹²⁷ João CALVINO, **Exposição de 1 Coríntios**, (1Co 15.29), p. 472. Vd. também: João CALVINO, **Exposição de Romanos**, (Rm 10.18), p. 376; João CALVINO, **Gálatas**, (Gl 4.22-25), p. 138-144.

¹²⁸ Vd. João CALVINO, **Gálatas**, (Gl 4.22), p. 139-140.

¹²⁹ João CALVINO, **Gálatas**, (Gl 4.22), p. 140.

¹³⁰ Vd. por exemplo J. CALVINO, **As Institutas**, I.9.3; II.2.8.

¹³¹ Por exemplo, John CALVIN, **Commentary upon the Acts of the Apostles**, Vol. XVIII, (At 1.11), p. 54; João CALVINO, **Exposição de 1 Coríntios**, (1Co 11.31), p. 345; **Idem.**, **Exposição de Hebreus**, (Hb 7.8), p. 183; **Idem.**, **O Livro dos Salmos**, Vol. 1, (Sl 6, introdução; 6.4), p. 123, 128.

¹³² J. CALVINO, **Exposição de Romanos**, (Rm 5.15), p. 192; (16.21), p. 523-534; João CALVINO, **Exposição de 1 Coríntios**, (1Co 12.28), p. 390-391.

interpretação tradicional,¹³⁴ de outros intérpretes,¹³⁵ uma pessoal,¹³⁶ ou, de admitir ter mudado de opinião.¹³⁷ Na tradução francesa das *Institutas* (1541), feita pelo próprio Calvino – tradução que, juntamente com outros dos seus muitos e belos escritos, contribuiu para modelar essa língua¹³⁸ –, no prefácio, diz que a sua obra poderia servir como “uma chave e entrada que a todos os filhos de Deus outorgue acesso a correta e cabal compreensão da Santa Escritura”.¹³⁹

Calvino em sua interpretação e exposição procurava entender as passagens bíblicas à luz de toda a Escritura; a sua exegese, conforme expressão de Murray, é “teologicamente orientada”.¹⁴⁰ Calvino não buscava algo novo – aliás, a busca do novo pelo novo sempre me soou estranha teologicamente falando –, antes desejava compreender a Palavra de Deus e aplicá-la à sua vida e à Igreja. Deus Se revelou na Sua Palavra, para que possamos ser conduzidos a Cristo, aprendendo dEle a respeito de Si mesmo, de nós e do significado de todas as coisas... Portanto, Ele deseja nos ensinar. Conforme já afirmamos, a Teologia deve estar sempre a este serviço: aprender e ensinar. Enquanto não aprendermos a aprender, não poderemos ser teólogos! O teólogo tem paixão por ensinar, mas a sua paixão primeira e prioritária deve ser a de ouvir a voz de Deus nas Escrituras. O Verbo de Deus nas Escrituras é sempre criador; Deus fala através da Sua Palavra, portanto, o trabalho do teólogo é procurar ouvir a voz de Deus e proclamá-la com fidelidade. Calvino está convencido de que ninguém pode “provar sequer o mais leve gosto da reta e sã doutrina, a não ser aquele que se haja feito discípulo da Escritura.”¹⁴¹ e, que “só quando Deus irradia em nós a luz de seu Espírito é que a Palavra logra produzir algum efeito.”¹⁴² Portanto, “O conhecimento de todas as ciências não passa de fumaça quando separada da ciência celestial de Cristo.”¹⁴³ Daí o seu estilo inconfundível, evitando discussões filosóficas¹⁴⁴ e sutilezas gramaticais¹⁴⁵ –

¹³³Cf. João CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, (Sl 31.3), p. 13; (Sl 48.4-6), p. 357; (Sl 48.13), p. 367; (Sl 50.17-20), p. 415; João CALVINO, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 1.26-27), p. 67; João CALVINO, *Efésios*, (Ef 4.18), p. 135-136.

¹³⁴Cf. João CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (Sl 14.1), p. 272; (Sl 56.1), p. 494.

¹³⁵Cf. João CALVINO, *Exposição de Romanos*, (12.6), p. 431; João CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (25.1), p. 538; Vol. 2, (51.5), p. 430; (Sl 68.1), p. 641; (68.9-10), p. 648.

¹³⁶ João CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1, (17.7), p. 336; João CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, (Sl 31.3), p. 13.

¹³⁷ Vd. por exemplo: João CALVINO, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 15.29), p. 472; João CALVINO, *Gálatas*, (Gl 4.25), p. 144.

¹³⁸Vd. Philip SCHAFF, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 266; T. GEORGE, *Teologia dos Reformadores*, p. 181-182; Thea B. Van HALSEMA, *João Calvino era Assim*, p. 100. Schaff diz que Calvino “escreveu em duas línguas com igual clareza, força e elegância.” (Philip SCHAFF, *History of the Christian Church*, VIII, p. 267). Vd. também, entre outros, o testemunho do erudito Joseph Scaliger (1540-1609) e dos católicos Etienne Pasquier (1528-1615) em *Ibidem.*, p. 272-274 e DANIEL-ROPS, *A Igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante*, p. 384-386.

¹³⁹ É curioso que no Prólogo da *Suma Teológica* (c. 1266-1273) de Tomás de Aquino (1225-1274), ele diz: “... É nossa intenção, na obra presente, ensinar as verdades da religião cristã de modo convincente à instrução dos principiantes”. Após falar das dificuldades encontradas pelos leitores neófitos na leitura de obras de outros autores – basicamente, prolixidade e assuntos desinteressantes –, continua: “Esforçando-nos por evitar esses e outros defeitos, tentaremos, confiantes no divino auxílio, expor, breve e lucidamente, o que respeita à doutrina sagrada, na medida em que a matéria o comporta.” (Tomás de AQUINO, *Suma Teológica*, Vol. I, “Prólogo”, p. 1).

¹⁴⁰John MURRAY, em Introdução à tradução americana da *Instituição*, (Books For The Ages, AGES Software Albany, OR USA Version 2.0 © 1996, 1997), p. 5.

¹⁴¹ J. CALVINO, *As Institutas*, I.6.2. Os verdadeiros discípulos da Escritura tornam-se “discípulos da Igreja”. [Ver: João CALVINO, *Efésios*, (Ef 4.13), p. 126].

¹⁴² J. CALVINO, *Exposição de Romanos*, (10.16), p. 374.

¹⁴³João CALVINO, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 1.20), p. 60.

¹⁴⁴Vd. John CALVIN, *Golden Booklet of the True Christian Life*, p. 12-13. Ainda que não temesse a Filosofia, entendendo inclusive, que toda verdade provém de Deus. [Vd. J. CALVINO, *As Institutas*, II.2.15; *Idem.*, *As Pastorais*, (Tt 1.12), p. 318].

¹⁴⁵ Cf. J. CALVINO, *As Institutas*, II.2.7.

fugindo sabiamente da aridez escolástica¹⁴⁶ – e de certos refinamentos exegéticos ou especulativos, bem como, da eloqüência frívola,¹⁴⁷ que quando muito servem apenas para revelar “erudição” ou “simplória invenção” mas, não contribuem para esclarecer o texto e edificar o povo de Deus.¹⁴⁸

Isso não significa que ele achasse más a retórica e a erudição: “... a eloqüência não se acha de forma alguma conflitante com a simplicidade do Evangelho quando, livre do desprezo dos homens, não só lhe dá o lugar de honra e se põe em sujeição a ele, mas também o serve como uma empregada à sua patroa.”¹⁴⁹ A questão está em não usar desses meios como sendo a força do Evangelho, esquecendo-se de sua simplicidade que é-nos comunicada pelo Espírito: “Não devemos condenar nem rejeitar a classe de eloqüência que não almeja cativar cristãos com um requinte exterior de palavras, nem intoxicar com deleites fúteis, nem fazer cócegas em seus ouvidos com sua suave melodia, nem mergulhar a *Cruz de Cristo* em sua vã ostentação.¹⁵⁰ Continua: “... a eloqüência que está em conformidade com o Espírito de Deus não é bombástica nem ostentosa, como também não produz um forte volume de ruídos que equívalem a nada. Antes, ela é genuína e eficaz, e possui muito mais sinceridade do que refinamento.”¹⁵¹ Em outro lugar: “A erudição unida à piedade e aos demais dotes do bom pastor, são como uma preparação para o ministério. Pois, aqueles que o Senhor escolhe para o ministério, equipa-os antes com essas armas que são requeridas para desempenhá-lo, de sorte que lhe não venham vazios e despreparados.”¹⁵²

Deve ser enfatizado que Calvino usou como ninguém de todas as ferramentas disponíveis no seu tempo para uma boa exegese,¹⁵³ dispondo o seu material de forma clara,

¹⁴⁶Schaff após elogiar a erudição de Calvino, diz que a “sua teologia, entretanto, é mais bíblica que escolástica, e tem todo o frescor da devoção entusiástica para com as verdades da Palavra de Deus.” (Philip SCHAFF, **History of the Christian Church**, Vol. VIII, p. 261) (Vd. também, P. SCHAFF, **The Creeds of Christendom**, I, p. 458).

¹⁴⁷Vd. João CALVINO, **Exposição de 1 Coríntios**, (1Co 1.17), p. 56].

¹⁴⁸Justificando o seu estilo, que não seria o mais apetecível àqueles que desejavam grande acervo de material, diz (1557): “... nada é mais importante do que granjear o respeito que produza a edificação da Igreja.” (João CALVINO, **O Livro dos Salmos**, Vol. 1, p. 48). Em 26 de janeiro de 1559, Calvino escreve a Dedicatória do seu comentário do Livro de Oséias. Nas palavras dirigidas ao rei Gustavo da Suécia, diz: “...porque há muito tempo aprendi a não cortejar o aplauso do mundo. (...) Se Deus me dotou com alguma inteligência para a interpretação da Bíblia, eu estou completamente convencido de que tenho fiel e cuidadosamente procurado excluir todo e qualquer refinamentos estereis, porém procuro ser aceitável, agradável e adequável às pessoas, preservando a genuína simplicidade, adaptada firmemente à edificação dos filhos de Deus que, não estando contentes com a casca, desejem penetrar no núcleo.” [John CALVIN, **Calvin's Commentaries**, Vol. XIII, p. XVIII-XIX]. Vd. também: João CALVINO, **O Livro dos Salmos**, Vol. 2, (Sl 40.8), p. 228; João CALVINO, **Exposição de 1 Coríntios**, (1Co 1.17), p. 50ss.

¹⁴⁹João CALVINO, **Exposição de 1 Coríntios**, (1Co 1.17), p. 55. “Não existe nada de grandioso em alguém ser adepto de uma elocução fluente quando o tal nada emite senão sons vazios! Portanto, aprendamos que a atratividade lingüística meramente superficial, e a habilidade na transmissão do ensino, são como um corpo bem formado e saudável na aparência, enquanto que o poder de que Paulo fala aqui é como a alma.” [João CALVINO, **Exposição de 1 Coríntios**, (1Co 4.20), p. 148-149].

¹⁵⁰João CALVINO, **Exposição de 1 Coríntios**, (1Co 1.17), p. 55. “Deus quer que sua Igreja seja edificada com base na genuína pregação de sua Palavra, não com base em ficções humanas. (...) Nesta categoria estão questões especulativas que geralmente fornecem mais para ostentação – ou algum louco desejo – do que para a salvação de homens.” [João CALVINO, **Exposição de 1 Coríntios**, (1Co 3.12), p. 112].

O Diretório de Culto de Westminster (1645), falando sobre o Ministério pastoral, diz que na pregação, o ministro deve desempenhar a sua tarefa “claramente, para que o mais simples possa entender, expondo a verdade, não em palavras sedutoras de sabedoria humana, mas na demonstração do Espírito e do poder, para que a cruz de Cristo não seja tornada ineficaz; abstendo-se também de um uso sem proveito de línguas desconhecidas, frases estranhas, e cadência de sons e palavras; citando bem poucas vezes sentenças de escritores teológicos ou outros humanistas, antigos ou modernos, por mais elegantes que sejam.” (**O Diretório de Culto de Westminster**, São Paulo, Editora os Puritanos, 2000, p. 40).

¹⁵¹João CALVINO, **Exposição de 1 Coríntios**, (1Co 1.17), p. 56.

¹⁵²João CALVINO, **As Institutas**, IV.3.11.

¹⁵³Vd. Donald K. MCKIM, Calvin's View of Scripture: In: Donald K. MCKIM, ed. **Readings in Calvin's Theology**, p. 64-65.

lógica e simples, sendo chamado, não sem razão, de o “príncipe dos expositores”.¹⁵⁴ Calvino foi de fato o exegeta por excelência da Reforma,¹⁵⁵ sustentando que a Escritura é a melhor intérprete de si mesma.¹⁵⁶ E, que em nossa interpretação, devemos nos limitar ao revelado: “... Que esta seja a nossa regra sacra: não procurar saber nada mais senão o que a Escritura nos ensina. Onde o Senhor fecha seus próprios lábios, que nós igualmente impeçamos nossas mentes de avançar sequer um passo a mais.”¹⁵⁷ Portanto, a eloquência de Deus deve propiciar a nossa adoração; o seu silêncio, o nosso reverente temor. Em outro lugar, comenta: “Tudo o mais que pesa sobre nós e que devemos buscar é nada sabermos senão o que o Senhor quis revelar à Sua igreja. Eis o limite de nosso conhecimento.”¹⁵⁸ Afinal, tentar ensinar fora das Escrituras é tolice e, o papel do mestre cristão não é outro, senão o de ensinar as Escrituras: “Mestre é aquele que forma e instrui a Igreja na Palavra da verdade.”¹⁵⁹ Em outro lugar: “A tarefa dos mestres consiste em preservar e propagar as sãs doutrinas para que a pureza da religião permaneça na Igreja.”¹⁶⁰

Por outro lado, tudo o que o Senhor ensinou e fez registrar em Sua Palavra é útil e necessário para a Sua Igreja. Comentando o texto de 2Tm 3.16, Calvino diz:

“A Escritura é proveitosa.’ Segue-se daqui que é errôneo usá-la de forma inaproveitável. Ao dar-nos as Escrituras, o Senhor não pretendia satisfazer nossa curiosidade, nem alimentar nossa ânsia por ostentação, nem tampouco deparar-nos uma chance para invenções místicas e palavreado tolo; sua intenção, ao contrário, era fazer-nos o bem. E assim, o uso correto da Escritura deve guiar-nos sempre ao que é proveitoso.”¹⁶¹

Tratando da doutrina da *Predestinação*, delimita o campo da sua teologia: “A Escritura é a escola do Espírito Santo, na qual, como nada é omitido não só necessário, mas também proveitoso de conhecer-se, assim também nada é ensinado senão o que convenha saber.”¹⁶²

Nas *Instituições*, orienta e adverte àqueles que querem discutir com Deus, limitando-O ao seu raciocínio:

“Ponderem, por uns instantes, aqueles a quem isto se afigura áspero, quão tolerável lhes seja a impertinência, quando, porque lhes excede a compreensão, rejeitam matéria atestada de claros testemunhos da Escritura e inquinam de vício o serem a público trazidas cousas que, a não ser que houvesse reconhecido serem proveitosas de conhecer-se, Deus jamais haveria ordenado fossem ensinadas através de Seus Profetas e Apóstolos. Ora, nosso saber não deve ser outra coisa senão abraçar com branda docilidade e, certamente, sem restrição, tudo quanto foi ensinado nas Sagradas Escrituras.”¹⁶³

¹⁵⁴Cf. expressão de Singer. (C. Gregg SINGER, **John Calvin: His Roots and Fruits**, Greenville, Abingdon Press, 1989, p. 6). Os editores das obras de Calvino em Brunswick, comparando Calvino com outros Reformadores, concluem que ele pode, com justiça, ser chamado de o “príncipe e guia [standard-bearer] dos teólogos”. (Cf. John MURRAY, **Calvin as Theologian and Expositor**, p. 306).

¹⁵⁵“A palma pertence a Lutero como tradutor; a Calvino como intérprete da Palavra.” [Jorge P. FISHER, **Historia de la Reforma**, p. 204]. “Lutero foi o príncipe dos tradutores; Calvino, o príncipe dos comentaristas.” (P. SCHAFF, **The Creeds of Christendom**, I, p. 459).

¹⁵⁶ Vd. João CALVINO, **Exposição de Romanos**, (Rm 12.6), p. 430-432; **As Institutas**, IV.17.32.

¹⁵⁷J. CALVINO, **Exposição de Romanos**, (Rm 9.14), p. 330.

¹⁵⁸João CALVINO, **Exposição de 2 Coríntios**, (2Co 12.4), p. 242, 243. George comenta: “Com toda sua reputação de teólogo de lógica rigorosa, Calvino preferiu viver com o mistério e a incoerência de lógica a violar os limites da revelação ou imputar culpa ao Deus que as Escrituras retratam como infinitamente sábio, completamente amoroso e absolutamente justo.” (Timothy GEORGE, **A Teologia dos Reformadores**, p. 209). Atitude similar encontramos em Agostinho: “Ignoremos de boa mente aquilo que Deus não quis que soubéssemos.” (AGOSTINHO, **Comentário aos Salmos**, (Sl 6), Vol. I, p. 60). [Vd. João CALVINO, **O Livro dos Salmos**, Vol. 2, (Sl 51.5), p. 431-432].

¹⁵⁹João CALVINO, **Exposição de Romanos**, (Rm 12.7), p. 432.

¹⁶⁰João CALVINO, **Exposição de 1 Coríntios**, (1Co 12.28), p. 390.

¹⁶¹J. CALVINO, **As Pastorais**, (2Tm 3.16) p. 263.

¹⁶²J. CALVINO, **As Institutas**, III.21.3.

¹⁶³João CALVINO, **As Institutas**, I.18.4.

Portanto, a doutrina não é apenas para o nosso deleite espiritual e reflexivo, antes, exige de forma imperativa um compromisso de vida e obediência. Deste modo, "O fim de um teólogo não pode ser deleitar o ouvido, senão confirmar as consciências ensinando a verdade e o que é certo e proveitoso".¹⁶⁴

O conhecimento de Deus e da Sua Palavra não visa satisfazer a nossa curiosidade pecaminosa mas, sim, conduzir-nos a Ele em adoração e louvor: "O conhecimento de Deus não está posto em fria especulação, mas Lhe traz consigo o culto",¹⁶⁵ que é o objetivo máximo de nossa existência.¹⁶⁶ "A função peculiar do Espírito Santo consiste em gravar a Lei de Deus em nossos corações."¹⁶⁷ É o Espírito Quem nos ensina através das Escrituras;¹⁶⁸ esta é "a escola do Espírito Santo",¹⁶⁹ que é a "escola de Cristo";¹⁷⁰ e, o Espírito é o "Mestre";¹⁷¹ "o melhor mestre";¹⁷² é o "Mestre interior".¹⁷³

H.W. Robinson, faz uma observação que deve-nos servir de alerta. Ele diz, por certo observando a realidade americana: "Um número significativo de ministros – dos quais muitos professam alta estima para as Escrituras – preparam seus sermões sem consultar a Bíblia de modo algum. Embora o texto sagrado sirva como aperitivo para colocar o sermão em andamento, o prato principal consiste no próprio pensamento do pregador ou no pensamento doutra pessoa, requentado para a ocasião."¹⁷⁴

g) Elemento Didático:

O sermão não é ensaio literário, nem preleção sobre um tema qualquer. O sermão parte da Palavra de Deus, de onde deriva o seu tema e o seu conteúdo, visando sempre ensinar os seus ouvintes e ao mesmo tempo, levá-los a assumir uma posição diante do que ouviram. O ensino é fundamental no sermão. A missão da Igreja é ensinar a Palavra (Mt 28.19-20). Portanto, "A incapacidade de pregar de modo expositivo e didático é indesculpável."¹⁷⁵

¹⁶⁴ João CALVINO, *As Institutas*, I.14.4.

¹⁶⁵ João CALVINO, *As Institutas*, I.12.1.

¹⁶⁶ "Sabemos que somos postos sobre a terra para louvar a Deus com uma só mente e uma só boca, e que esse é o propósito de nossa vida." [João CALVINO, *O Livro dos Salmos*, (Sl 6.5), Vol. 1, p. 129]. Vd. também, *O Catecismo de Genebra*, Perg. 1 In: *Catecismos de la Iglesia Reformada*.

¹⁶⁷ João CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, (Sl 40.8), p. 228. "O ensino interno e eficaz do Espírito é um tesouro que lhes pertence de forma peculiar. (...) A voz de Deus, aliás, ressoa através do mundo inteiro; mas ela só penetra o coração dos santos, em favor de quem a salvação está ordenada." [João CALVINO, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2, (Sl 40.8), p. 229].

¹⁶⁸ Vd. J. CALVINO, *As Institutas*, I.9.3.

¹⁶⁹ J. CALVINO, *As Institutas*, III.21.3. (Sobre o testemunho do Espírito, Vd. *As Institutas*, I.7.4-5; I.9.3). Calvino pode com razão ser chamado de o Teólogo da Palavra e do Espírito Santo. Schaff diz que a "teologia de Calvino está baseada sobre um perfeito conhecimento das Escrituras." (Philip SCHAFF, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, p. 261). Murray, não isoladamente declara: "Calvino tem sido corretamente chamado de o teólogo do Espírito Santo." (John MURRAY, *Calvin as Theologian and Expositor*, p. 311). O primeiro a assim designá-lo foi o teólogo presbiteriano B.B. Warfield (1851-1921). (B.B. WARFIELD, *Calvin and Augustine*, p. 21-24,107 (Cf. Hendriksus BERKHOF, *La Doctrina del Espiritu Santo*, p. 23; D.M. LLOYD-JONES, *Deus o Espírito Santo*, p. 13; I. John HESSELINK, *O Movimento Carismático e a Tradição Reformada*. In: Donald K. MCKIM, ed. *Grandes Temas da Tradição Reformada*, p. 339).

¹⁷⁰ João CALVINO, *Efésios*, (Ef 4.17), p. 133.

¹⁷¹ João CALVINO, *Exposição de Romanos*, (Rm 1.16), p. 58.

¹⁷² João CALVINO, *As Institutas*, IV.17.36. Calvino diz que quem rejeita o "magistério do Espírito", é desvairado. (João CALVINO, *As Institutas*, I.9.1).

¹⁷³ João CALVINO, *As Institutas*, III.1.4; III.2.34; IV.14.9.

¹⁷⁴ Haddon W. ROBINSON, *A Pregação Bíblica*, p. 18. De semelhante modo, são extremamente pertinentes as observações de Karl LACHLER, *Prega a Palavra*, p. 30-44; J.M. Boice, *O Pregador e a Palavra de Deus*: In: James M. BOICE, ed. *O Alicerce da Autoridade Bíblica*, p. 143-167; Albert N. MARTIN, *O Que há de Errado com a Pregação de Hoje?*, *passim*; Walter J. CHANTRY, *O Evangelho de Hoje: Autêntico ou Sintético?*, *passim*.

¹⁷⁵ John F. MACARTHUR, JR., et. al. *Redescobrimo o Ministério Pastoral*, p. 290.

Todo sermão é doutrinário; a questão é: a doutrina que pregamos é bíblica? O ensino que transmitimos em nossos sermões deve provir do ensino bíblico. A igreja deve ser estimulada a aprender a Palavra; e o sermão é um meio para isso. Portanto, devemos sempre desafiar os crentes a trazerem consigo seus cérebros para a Igreja. No culto e na pregação não exercitamos apenas nossas emoções; mas, também as nossas mentes, que devem ser iluminadas e instruídas pelo Espírito através da Palavra.

IV - ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE O SERMÃO:

4.1) O SERMÃO COMO UMA CARTA VIVA:

O sermão não é uma mensagem impessoal a seres impessoais, antes é a Palavra de Deus transmitida através de homens a uma determinada comunidade, que vive dentro da concretude histórica de seu tempo. Na pregação estamos compartilhando a Palavra de Deus com pessoas que comungam conosco a mesma fé ou, que são desafiadas a fazê-lo em Cristo.

Não podemos fazer de nosso púlpito uma arma para disparar tiros certos contra pessoas específicas; antes, transmitimos a Palavra que, pelo Espírito, é poderosa para converter, corrigir, transformar e edificar.

A nossa mensagem não se caracteriza pela tentativa de dizer ao povo o que ele quer ouvir, mas sim, em responder as suas indagações espirituais mais profundas que, no conviver diário da fé, podemos auscultar. O sermão deve estar atento às necessidades de nossos ouvintes. Blackwood, resume: “Qualquer que seja o seu método, o homem prudente começará com alguma necessidade humana e tentará ir ao encontro dela com a verdade divina.”¹⁷⁶

4.2) O SERMÃO COMO ALGO PRÁTICO:

Como já dissemos anteriormente: Não há nada mais edificante e prático do que a Verdade de Deus! Quando substituímos a pregação da Palavra por algo mais “prático”, estamos rejeitando o método estabelecido por Deus para a conversão e edificação de vidas.

“A pregação (...) não é um exercício de oratória para o pregador, mas um elemento essencial no crescimento espiritual do Corpo de Cristo”, afirma MacArthur.¹⁷⁷

O escritor da Epístola aos Hebreus declara que “...**A Palavra de Deus é viva e eficaz**” (Hb 4.12). Ela não é uma verdade morta, que desperta curiosidade apenas por fazer parte do ossuário, das relíquias, da arqueologia ou da historiografia, sendo estudada unicamente como um exercício de reflexão histórica para a nossa mera curiosidade, ou, quem sabe, para entendermos como viviam os povos na Antigüidade... Não, a Palavra de Deus é uma verdade viva, que tem a mesma vivacidade de quando foi revelada por Deus aos seus servos, que a registraram inspirados pelo Espírito Santo. Ela continua com a mesma eficácia para os questionamentos existenciais do homem moderno. Muitas vezes, o problema de nós, homens dos séculos XX-XXI, – e até mesmo para muitos de nós cristãos, e digo isso com pesar –, é que amiúde, sem percebermos, trocamos os preceitos da Bíblia por conselhos de revistas, por modismos veiculados pelos meios de comunicação, pelo *modus vivendi* e *faciendi* contemporâneos; substituímos a Bíblia pela psicologia, filosofia, sociologia, antropologia e até mesmo, astrologia, colocando-as como o nosso parâmetro de comportamento, em detrimento da inerrante, infalível Palavra de Deus, que é a verdade verdadeira, viva e eficaz de Deus para nós. Isto tudo nós fazemos, em nome de uma suposta “prática”, esquecendo-nos de que toda e cada parte do ensino bíblico é urgente e necessariamente prática, relevante para nós.

Quando adotamos esta “prática” destoante das Escrituras, cometemos uma total inversão de valores: Assimilamos os conceitos humanos que, quando corretos, nada acrescentam à Palavra mas que, na realidade, na maioria das vezes, estão totalmente equivocados, porque desconhecem a dimensão do eterno, os valores celestiais para a nossa vida aqui e agora e, por isso mesmo, apresentam ensinamentos mundanos, frutos de uma geração corrompida. Tais conceitos assumem na vida da Igreja um papel orientador! A Igreja, ao contrário disso, é chamada a ser uma antítese ativa contra os valores deste século; ela é convocada a viver a

¹⁷⁶ A. W. BLACKWOOD, **A Preparação de Sermões**, p. 24.

¹⁷⁷ John F. MACARTHUR, JR., et. al. **Redescobrimo o Ministério Pastoral**, p. 287.

Palavra, a considerá-la como de fato é, a Palavra infalivelmente viva e eficaz para a nossa vida: A Palavra final de Deus para a nossa existência terrena.

A Bíblia não é um livro teórico, com regras ultrapassadas, circunscritas a épocas e culturas; antes, ela é um livro prático, que traz princípios preventivos e profiláticos para todos os problemas antigos, modernos e futuros. O problema é que, na história da humanidade, nenhum povo observou fielmente os mandamentos de Deus. Contudo, podemos notar que aqueles que, ainda que por um pouco de tempo da sua história, procuraram moldar a sua prática pela Palavra de Deus, colheram os frutos das promessas divinas, guardados para aqueles que Lhe obedecem.

A Lei de Deus continua sendo o princípio norteador de toda a vida cristã;¹⁷⁸ Deus continua ordenando que nós não adulteremos, não roubemos, não matemos, que honremos os nossos pais, que O adoremos com exclusividade... Por isso é que "entre todas as filosofias de vida, a única que nos orientará seguramente para agradá-Lo tem de ser aquela ensinada na Bíblia."¹⁷⁹

Se queremos ser práticos (aliás, devemos!), preguemos a Palavra com ardor e fidelidade! Não há nada de que o ser humano mais necessite.

4.3) O SERMÃO E SUA MATURAÇÃO:

"Todo e qualquer intérprete deve preparar mensagens de maneira inteiramente pessoal.(...) Mas deveria estabelecer uma regra sem exceções: 'começa, prossegue e termina com oração'." – A.W. Blackwood.¹⁸⁰

Se por um lado não podemos estabelecer uma regra fixa e inflexível para o começo de cada sermão, podemos dizer que todo ele deve passar por um processo de maturação. Sabemos que precisamos orar, estudar e refletir. Acompanhando tudo isso, necessitamos de horas e dias – o que na realidade muitas vezes nos faltam. A questão não é simplesmente gastar horas com o sermão – o que sem dúvida é fundamental –, mas, se possível, começar a prepará-lo com antecedência, ainda que nos primeiros momentos não possamos gastar muito tempo em seu preparo. A idéia é de conservar as suas idéias em nossa mente e coração; dormir e acordar, tomar café, trabalhar, almoçar e jantar; e, nesta rotina cotidiana, deixar com que novas idéias fluam, apareçam... E como prática: tudo anotar; não deixar escapar nada. As idéias vão aflorando, muitas vezes, enquanto conversamos sobre o que estamos estudando, lendo um jornal, revista, andando de ônibus, dirigindo, enfim; vivendo o nosso dia a dia.

Neste processo, vamos lendo várias vezes o texto bíblico e anotando tudo que nos ocorrer, as conclusões que chegarmos, as dúvidas, as perguntas, as conexões com outras passagens bíblicas... O que precisamos ter em mente é, que ainda que aconteça algumas vezes, nem sempre o sermão nos chega com tanta clareza de modo imediato. Muitas vezes e, diria mais, na maioria das vezes, ele nos chega depois de amplo estudo, reflexão e oração.

Mas, afinal, alguém pode estar pensando: quanto tempo precisaríamos para fazer tudo isso? Às vezes meses ou anos... No entanto, a questão está ligada à tentativa de se estabelecer um método de elaboração – que por sinal não será adequado todas as vezes. Mas, o que podemos fazer, por exemplo, se pregamos dominicalmente? Bem, um princípio que pode ser útil, é começar a preparar o sermão no domingo anterior à noite, quando voltamos da igreja. Façamos o seguinte: Tentemos nos deter em um texto e comecemos a lê-lo e anotar algumas possíveis idéias... Na segunda feira retornemos ao texto e, então, já

¹⁷⁸ "A vida cristã é integral; a fé cristã tem o que dizer acerca de cada esfera e cada aspecto da vida." (D.M. LLOYD-JONES, **Vida No Espírito: No Casamento, no Lar e no Trabalho**, p. 111).

¹⁷⁹ R.P. SHEDD, **Lei, Graça e Santificação**, p. 90.

¹⁸⁰ A. W. BLACKWOOD, **A Preparação de Sermões**, p. 39.

poderemos perceber a evolução do que percebemos no dia anterior. Fiquemos alguns dias apenas com a leitura do texto e anotações de idéias que nos surjam e de outros textos bíblicos que recordemos. Deixemos que o Espírito nos fale através de uma espécie de maturação inconsciente: afinal os textos foram lidos e as idéias estão em nossas mentes. Depois de uns três dias, quem sabe, recorramos, obviamente sempre na dependência de Deus, aos comentários, dicionários, traduções, etc. Estes homens também foram usados por Deus na compreensão da Sua Palavra; não tentemos ser independentes pelo simples prazer de lê-lo. Usemos de outros recursos que Deus tem-nos fornecido. Acredito que este pode ser um bom método para começarmos em nossa jornada de pregadores da Palavra.

Em princípio, quanto mais tempo passarmos com o sermão, mais ele nos falará e, também, à igreja.¹⁸¹ É impossível transmitir com clareza um sermão que ainda esteja confuso em nossas mentes.

A exortação de Baxter (1615-1691) permanece: “... preguem para si mesmos o sermão que têm em mente, antes de pregá-lo aos outros. Quando a sua mente tiver prazer nas coisas celestiais, outros o terão também. Então as suas orações, os seus louvores e as suas doutrinas terão celestial dulçor para o seu povo. Este perceberá quando vocês passaram bastante tempo com Deus.”¹⁸²

4.4. O TEXTO:

4.4.1. A Necessidade de um Texto Bíblico:

Todo sermão deve ser baseado num texto Bíblico e devemos nos fundamentar nele. A autoridade da pregação é derivada da Palavra e fomos chamados a pregar a Palavra. Deus opera através da Sua Palavra. A pregação é, em última instância, a repetição das Escrituras. “A pregação (...) tem que ser exclusivamente bíblica.”¹⁸³

4.4.2. Critérios para a Escolha do Texto Bíblico:

“Sempre que um texto fizer arder o coração de um homem, pode usá-lo para incendiar outros corações.” – A.W. Blackwood.¹⁸⁴

a) Aproveite as Datas Comemorativas e o Calendário Cristão:

Conforme estas datas, procure um texto que traga uma mensagem sugestiva para aquela ocasião. No entanto, devemos estar atentos ao fato de que este critério não deve nos tornar cativos nos impedindo de pregar sobre outros assuntos não atinentes às referidas datas. Portanto, aqui temos uma sugestão, não uma obrigatoriedade. Para ilustrar, podemos citar o fato de que Calvino em Estrasburgo e em Genebra, não se prendia ao calendário cristão ou a datas comemorativas; ele simplesmente expunha os Livros da Escrituras do início ao fim. Obviamente, não temos também aqui um paradigma obrigatório. Usemos de bom senso.

b) Seja Sensível aos Problemas Atuais:

Acidentes, episódios que despertam a atenção pública: Livro muito divulgado, “pacotes” econômicos, desemprego, Olimpíada, Copa do Mundo, acidente trágico, falecimento de um personagem famoso, grande descoberta. Além disso, costuma prender a atenção do ouvinte quando o pregador cita um fato do momento e, apresenta uma

¹⁸¹ Surpreendentemente li Blackwood dizendo: “O valor de um sermão poderá depender do número de semanas, meses, ou mesmo anos, que levou crescendo no coração do pregador”. (A. W. BLACKWOOD, *A Preparação de Sermões*, p. 43). “Depois de teres pregado um sermão, verificarás que o povo se lembrará dele na proporção do tempo que levaste pensando na mensagem antes de apresentá-la. (...) Por isso, se quiseres preparar sermões que permaneçam, dá-lhes tempo para crescer.” (A. W. BLACKWOOD, *A Preparação de Sermões*, p. 57).

¹⁸² Richard BAXTER, *O Pastor Aprovado*, p. 128.

¹⁸³ Karl BARTH, *La Proclamacion del Evangelio*, p. 37.

¹⁸⁴ A. W. BLACKWOOD, *A Preparação de Sermões*, p. 53.

perspectiva bíblica do assunto ou, ilustra a sua mensagem. Este recurso, muitas vezes, torna a mensagem mais inteligível e interessante a muitos ouvintes.

c) Use Sempre Texto da Bíblia:

Isto exclui o uso dos livros apócrifos,¹⁸⁵ hinos ou mesmo bons livros evangélicos, por mais edificantes que sejam. Lembremo-nos que podemos e devemos nos valer de hinos, boa literatura, poesia, ficção, romance, história, etc. No entanto, o sermão parte sempre e invariavelmente das Escrituras.

d) Deve Expressar a Palavra de Deus:

Toda a Escritura é inspirada por Deus, mas nem tudo o que está na Bíblia expressa a Palavra de Deus. Na Bíblia nós encontramos palavra de homens ímpios e mesmo de Satanás; estes textos isolados não podem servir de base para a nossa prédica (Sl 14.1; 2Rs 18.32-35; Mt 4.8,9).

e) Dê Preferência a Textos Positivos:

Ao invés de chamarmos a atenção para o negativo, devemos apresentar a relevância da fidelidade, obediência, confiança, etc. Aprendemos mais eficazmente quando meditamos sobre a forma correta de fazer. Todavia, cabe de quando em quando uma variação.

f) Use Preferencialmente um só texto em cada sermão:

É preferível usar um único texto do que mais; no entanto, poderá haver casos em que a leitura de dois ou mais textos se fazem necessários para estabelecer um contraste, evidenciar uma aparente contradição, demonstrar o princípio expresso no outro texto, etc. Neste caso não tenha dúvida, leia todos.

g) Use texto que tenha um Sentido Claro:

Textos complicados, que apresentam uma série de controvérsias quanto à sua interpretação devem ser evitados (Ex. 1Pe 3.19). O sermão visa edificar, transformar, esclarecer e consolar. Se a nossa pregação trazer mais confusão na mente dos nossos ouvintes, qual o seu benefício? Todavia há exceções. “Se o pregador fica satisfeito por poder explicar um texto obscuro e mostrar que ele ensina uma verdade de valor, deve escolhê-lo (...). Note-se, porém, que enfatizamos a necessidade de torná-la bastante instrutiva e útil.”¹⁸⁶

h) Não evite um texto pelo simples fato dele ser muito conhecido:

O fato de um texto ser muito conhecido revela a sua profundidade e beleza. É no uso adequado dos textos mais conhecidos que identificamos os grandes pregadores; pela forma de abordá-los sem cair num lugar comum. Um caminho significativo para lidar com esses textos, e não ficar apenas repetindo coisas já ditas e repetidas, é fazer perguntas ao texto que talvez não sejam tão óbvias. A arte de fazer pergunta pode ser um caminho eficiente para encontrarmos no texto respostas que ali estavam, ainda que de modo não tão evidente.

i) Evite textos muito extensos ou muito curtos:

O texto muito extenso pode fazer com que não o exponhamos com clareza dentro do tempo de que dispomos; tomar um texto pequeno, isolado de seu contexto, pode ser uma tentação a simplesmente exercitar a nossa eloquência e não expor a Palavra de Deus.¹⁸⁷ De qualquer forma, pequeno ou grande, o texto deve ser primeiramente entendido dentro do seu contexto próximo e remoto.

¹⁸⁵ O termo grego "apócrifo" (apo/krufoj), foi aplicado aos assuntos que deveriam ser revelados somente aos iniciados, sendo assim "escondido" do povo comum e, também, foi utilizado para se referir aos livros que, embora tivessem alguma semelhança secundária com os Livros Canônicos, não eram aceitos nem reconhecidos como tais. Neste último sentido, acaba-se com a distinção (que considero apenas técnica, mas não prática) entre os chamados "apócrifos" e "pseudepígrafos" (livros que são atribuídos falsamente a um autor). Apócrifos são portanto, os livros extracanônicos redigidos no período bíblico. (Vd. Hermisten M.P. COSTA, **A Inspiração e Inerrância das Escrituras**, *passim*).

¹⁸⁶ John A. BROADUS, **O Preparo e Entrega de Sermões**, p. 19.

¹⁸⁷ Cf. Karl BARTH, **La Proclamacion del Evangelio**, p. 78.

j) Evite alegorias na interpretação do texto:

Como temos insistido, a pregação é a repetição da Palavra de Deus à esta comunidade. Portanto, como fiéis pregadores, não podemos alegorizar o texto, dando asas à nossa imaginação, dizendo o que o texto não nos autoriza. O limite das analogias está limitado pelo próprio uso bíblico. Não tentemos ultrapassar as fronteiras dispostas no texto. Quando tomamos uma figura bíblica e começamos a divagar sobre ela através de detalhes não autorizados pela Escritura, corremos o sério risco de fazer um estudo de botânica, zoologia ou mesmo medicina e não um estudo da Palavra. Sabemos que é extremamente tentador tomar a figura da ovelha, da águia, da rocha, do cavalo, dos números, etc., e começarmos a esmiuçar o exemplo em busca de aplicações que são estranhas à Palavra... Resistamos a essa tentação se quisermos ser fiéis expositores da Palavra. As aplicações feitas pelos escritores bíblicos foram inspiradas; nós não somos; limitemo-nos ao emprego feito na Bíblia.

Lembremos o bom princípio de Calvino que, evitando o emprego de alegorias que torciam o texto bíblico,¹⁸⁸ optou por uma interpretação que considerava ser a única bíblica, visto que para ele, “o genuíno significado da Escritura é único, natural e simples...”¹⁸⁹

l) Não abandone o texto simplesmente porque encontrou dificuldades:

Como temos insistido, nem todo sermão aparece de forma tão imediata como gostaríamos. Muitas vezes ele exige grande trabalho até que tenhamos diante de nós as idéias que pretendemos desenvolver. No entanto, é preciso que tenhamos cautela para que ao sinal das primeiras dificuldades na interpretação do texto, o deixemos de lado e saiamos a procura de outro. Quando assim procedemos, estamos criando um hábito que poderá ser-nos extremamente prejudicial, visto que criaremos em nossa prática um círculo vicioso de acomodação, buscando sempre um caminho que nos pareça mais fácil. O que fazer então? O texto está difícil? Há dificuldade na sua tradução e interpretação?... continuemos a lê-lo; analisemos o seu contexto, busquemos ajuda em comentários bíblicos, examinemos outras traduções, etc. Contudo, sem dúvida, é possível que depois de tudo isso ainda não fiquemos satisfeitos com as conclusões, que não tenhamos assimilado satisfatoriamente o assunto. Bem, nesse caso, podemos deixar o texto de lado momentaneamente, para voltarmos a ele, quem sabe, na semana seguinte ou no próximo mês. Aqui, devemos evitar dois extremos: o primeiro é o de fugir das dificuldades textuais; o segundo é o de pregar um sermão do qual ainda não estamos persuadidos, pelo simples fato de não termos a paciência e prudência de deixar que o texto amadureça em nossas mentes. Neste caso, podemos perder uma grande ocasião de apresentar uma mensagem consistente e grandemente edificante a nós e à igreja.

m) Não faça um tratado teológico a partir do texto:

Há uma tentação por demais perigosa, de querermos dizer tudo o que as Escrituras nos ensinam de um assunto a partir de um texto. A pretensão de esgotar o assunto em um sermão – além de ser impossível e de pouco proveito para os ouvintes –, ocasiona, via de regra, o precoce esgotamento do material pesquisado. Em breve não saberíamos mais o que pregar; tenderíamos a ficar repetindo coisas que foram ditas em momentos nos quais aquelas idéias não eram fundamentais. O caminho a ser seguindo, é o de explorar o que o texto nos diz sobre aquele assunto e, ilustrá-lo com outras passagens bíblicas, demonstrando que aquela verdade expressa na passagem pode ser vista em outras partes das Escrituras. Se for o caso, em outra ocasião poderemos voltar a falar sobre aquele tema, partindo de outro texto que nos ensine outros aspectos daquela doutrina bíblica.

¹⁸⁸ Vd. João CALVINO, *Gálatas*, (Gl 4.22), p. 139-140.

¹⁸⁹ João CALVINO, *Gálatas*, (Gl 4.22), p. 140.

V- O SERMÃO:

5.1. CLASSIFICAÇÃO DOS SERMÕES:

No que concerne à relação da estrutura do sermão com o texto, o sermão pode ser classificado de Temático, Textual e Expositivo.

1) Sermão Temático ou Tópico:

O tema é extraído de um texto e as divisões de outros. Assim, a sua idéia central é decorrente do texto lido; no entanto, a argumentação é buscada em outros textos bíblicos.

2) Sermão Textual:

“É aquele cuja estrutura corresponde à ordem das partes do texto”.¹⁹⁰ O tema e as divisões estão no texto ou são derivados dele. Neste caso o texto utilizado é pequeno, não devendo ultrapassar 4 versículos. Aqui, o texto é que controla todos os pontos a serem tratados no sermão.

3) Sermão Expositivo:¹⁹¹

É aquele em que tema e as divisões são extraídos de um texto que tenha mais de quatro versículos. Basicamente o que o distingue do sermão textual é a extensão do texto bíblico utilizado. Este tipo de sermão padece de muita confusão. Alguns pregadores pensam que pregar expositivamente significa comentar todo o texto lido, como se estivesse fazendo um comentário bíblico, catalogando fatos, versículo após versículo. Certamente, um sermão é mais do que apenas esclarecer palavras e versos. Todo sermão deve ter um elemento agregador, que é o tema, o qual deve ser extraído do texto e, a partir daí, as palavras e versos, ganham relevância a partir da conexão com o assunto tratado. Os elementos do texto devem ser agrupados a partir do tema, formando uma mensagem, um quadro único e objetivo. Insisto: um sermão não é um comentário bíblico, por mais exegético e edificante que este possa ser.

Deve ser enfatizado também, que a pregação expositiva não consiste simplesmente num exame de um texto, isolando-o da Escritura. Lembremo-nos sempre que toda a Escritura é inspirada por Deus, sendo ela toda a verdade revelada de Deus para nós, em todas as épocas e contextos. Portanto, a pregação expositiva, como toda pregação genuinamente bíblica, deve estar sintonizada com todas as partes das Escrituras, formando um todo harmônico, procedente de Deus para o Seu povo.

Este método foi usado pelos apóstolos que, baseando-se no Antigo Testamento interpretavam o texto e aplicavam às necessidades de seus ouvintes. Historicamente este foi o método preferencialmente usado pela maioria dos Pais da Igreja e pelos Reformadores.

Calvino, de modo especial, tinha o costume de expor cada livro da Bíblia desde o seu início até o final. Os seus comentários constituem-se num primor de exposição bíblica. Por isso, conforme já citamos, ele, entre outros justos principados, recebeu o de “príncipe dos expositores”.¹⁹²

O antigo e experiente professor de Homilética no Seminário de Princeton, conclui de forma desafiante: “Quase todos os ministros, que tenham tentado o método expositivo

¹⁹⁰ A. W. BLACKWOOD, *A Preparação de Sermões*, p. 60.

¹⁹¹ Vd. A. W. BLACKWOOD, *A Preparação de Sermões*, p. 70-83.

¹⁹² Cf. expressão de Singer. (C. Gregg SINGER, *John Calvin: His Roots and Fruits*, Greenville, Abingdon Press, 1989, p. 6).

durante alguns anos, acabam por acreditar nele de todo o coração. Esse método é eficaz! Tenta-o!”¹⁹³

5.2. PARTES CONSTITUTIVAS DO SERMÃO:

1. *Introdução ou Exórdio:*
2. *Explicação ou Narração:*
3. *Tema ou Proposição:*
4. *Argumentação, Divisão ou Demonstração*
5. *Conclusão ou Peroração*

A rigor falando o sermão tem duas partes: O Tema e a demonstração.

5.2.1. A INTRODUÇÃO:

A introdução é a porta de ingresso ao assunto que o pregador vai tratar.

5.2.1.1. Objetivos da Introdução:

A introdução visa despertar a atenção, o interesse e a simpatia.

a) A Atenção: A atenção significa a direção ou a concentração da mente num objeto. As primeiras palavras são fundamentais.

b) O Interesse: O interesse alimenta a atenção. A introdução está voltada para prender a atenção do auditório através da apresentação da relevância do assunto; algo que se mostre digno de ser ouvido.

c) Simpatia: Como o sermão é proferido através de uma personalidade, é relevante conquistar a simpatia do auditório na introdução. Qualquer afetamento ou atitude pretenciosa, além de inadequado, poderá criar um clima de antipatia por parte dos ouvintes, o que o impedirá de ouvir o sermão.

5.2.1.2. Tipos de Introdução:

a) Direta: É aquela cujo conteúdo está relacionado diretamente com o assunto do sermão.

b) Indireta: É aquela cujo conteúdo tem apenas uma relação indireta com o assunto do sermão.

c) Abrupta: É aquela em que o pregador passa diretamente a tratar do assunto escolhido.

5.2.1.3. Requisitos da Introdução:

a) Deve Ser Pertinente: A introdução deve estar ligada ao assunto. Devemos evitar aquelas introduções que são usadas para todo e qualquer sermão, mediante um simples toque.

b) Deve Ter Uma Idéia Dominante: A introdução conduz diretamente ao tema; ela é a porta de entrada ao assunto.

Aristóteles (384-322 aC), na Antigüidade, já orientava: “Nos discursos como nos poemas épicos, os exórdios dão uma indicação do assunto para que o ouvinte seja informado da questão tratada e para que seu pensamento não fique em suspenso, visto que o que é indeterminado faz vaguear o espírito.”¹⁹⁴

c) Deve Ser Breve: O exórdio muito longo pode criar na Congregação um desalento pelo fato do pregador não entrar logo no assunto. Como alguém já disse: Podemos

¹⁹³A. W. BLACKWOOD, *A Preparação de Sermões*, p. 81.

¹⁹⁴ ARISTÓTELES, *Arte Retórica*, III.14.6.

passar tanto tempo colocando a mesa, que deixemos a impressão de que não haverá jantar. A porta de entrada não pode ser maior do que a casa; além disso, não devemos nos descuidar da proporcionalidade.

d) Deve ser Elaborada com Esmero: Por ser a porta de entrada, é fundamental o esmero em sua elaboração e transmissão. Introduções descuidadas pode já, de início, distrair o ouvinte; portanto, muito cuidado ao elaborá-la. Por outro lado, na introdução não devemos prometer mais do que podemos ou vamos oferecer. De nada adiantaria uma introdução belíssima, com toques de requintes literários e poéticos se, na realidade, o sermão é pobre e desprovido desses recursos.

e) Deve Ser Proferida com Simplicidade: Qualquer palavra que o pregador use que gere no auditório a idéia de que está querendo se exaltar, ou mesmo, que ele manifesta tal comportamento através de uma humildade forjada, tem um efeito negativo. Por isso, a introdução deve ser proferida de forma simples; contudo, com um conteúdo relevante.

f) Deve Ser Proferida com Calma: É natural que o pregador chegue diante do seu auditório ansioso por transmitir a mensagem que lhe custou tantos esforços e que está sendo tão relevante para a sua vida. Todavia, este entusiasmo ainda não é o do auditório; ele terá que ser contagiado por esta verdade que o pregador quer transmitir; no entanto isto obedece um processo lógico: identificação da verdade e depois praticá-la. O que quero dizer é que na introdução do sermão, a congregação por certo já tem idéia do que você vai falar, visto que as leituras, hinos e orações foram dirigidos para aquele ponto, contudo não partilham do seu conhecimento do assunto e conseqüentemente da sua emoção; por isso, a introdução deve ser proferida com calma – não com indolência –, dosando o ritmo da apresentação, conduzindo o auditório degrau após degrau até que tornemos comum a todos o mesmo sentimento.

5.2.2. A NARRAÇÃO OU EXPLICAÇÃO:

A narração tem como propósito tornar mais claro o texto lido, evidenciando deste modo a procedência da sua mensagem. A narração depende de um estudo criterioso do texto e do contexto, de uma boa exegese, bons dicionários bíblicos e comentários.

5.3.1. Tipos de Narração:

Considerando que a narração visa tornar mais claro o texto lido no que concerne à expressões empregadas, contexto histórico do destinatário e remetente, podemos classificar a narração da seguinte forma:

a) Explicação de Termos: É aquela que consiste na explicação de palavras que apresentem, à primeira vista, um sentido obscuro, ambíguo ou, que tenham um sentido bíblico peculiar, bem diferente do de hoje, como por exemplo, as expressões: “*Marcas*” (Gl 6.17); “*Cruz*” (Gl 6.14); “*Mundo*” (Jo 3.16; 1Jo 2.15); “*Babilônia*” (1Pe 5.13), etc.

É sempre bom lembrar que neste processo a pregação não deverá se deter na exposição do processo de exegese que o permitiu chegar a determinada explicação; antes, deve ser o mais objetivo possível para que não disperse a atenção dos ouvintes. Apresentamos a mesa posta, não as panelas que serviram para a elaboração do jantar.

b) Exposição do Contexto Histórico: Consiste em esclarecer a ocasião e as circunstâncias em que o texto lido foi escrito ou, a relação da mensagem proferida com a situação dos destinatários.

c) Paráfrase: Consiste em recontar o texto lido através de uma paráfrase, que facilite a maior apreensão do assunto.

É necessário lembrar que nenhum destes tipos é estanque; eles podem ser usados em conjunto; aliás, se alguém for fazer uma paráfrase do texto, dificilmente não terá de explicar o contexto histórico e explicar palavras obscuras e ambíguas.

5.2.3. O Que Deve Ser Evitado;

a) Ser Muito Extenso: A narração é apenas uma parte do sermão, por isso se nos demormos demasiadamente aqui cansaremos o auditório para a mensagem propriamente dita.

b) Ser Muito Detalhada: Basta que usemos apenas o que for essencial à explicação do assunto que vamos tratar; a narração deve sempre estar subordinada ao objetivo do sermão. Há pregadores que gastam muito tempo aqui, justamente por quererem usar todo o material que leram, sem fazer uma seleção do que é relevante para este sermão. Se gastarmos todo o material agora, amanhã se formos pregar um outro sermão no mesmo texto, teremos de repetir tudo de novo, visto não entendermos bem o que de fato era relevante para esta e aquela mensagem.

Insistimos: Aqui temos que ter cuidado para não explorar excessivamente este material, pretendendo dizer tudo que lemos a respeito do assunto. É necessário habilidade para selecionar do que foi aprendido a respeito do tema, e, utilizar apenas o que for relevante para o presente sermão. Não precisamos dizer tudo a respeito do contexto de uma Epístola, por exemplo, só porque lemos muito a respeito do assunto e nos empolgamos com a variedade de detalhes. Saibamos usar bem o material de que dispomos. O resto, ainda que de extrema importância e curiosidade, poderá servir em outra ocasião, noutra sermão ou estudo, em que aquele material acumulado possa ser fundamental para melhor entender o texto analisado.

c) Ser Muito Enfático: Na narração não se está defendendo nenhuma tese especial; apenas contando o fato e o significado do fato; daí que a excessiva veemência poderá ocasionar um desgaste desnecessário das energias, sendo que ainda estamos introduzindo o sermão.

5.3. TEMA OU PROPOSIÇÃO:

5.3.1. Definição de Tema:

O tema ou proposição é o assunto sobre o qual você vai falar ou a tese que vai ser defendida.

A introdução visou conduzir-nos até aqui. No tema, encontramos o sermão sintetizado, o qual será analisado através das divisões. Vejamos algumas definições de proposição:

“Proposição é uma declaração simples do assunto que o pregador se propõe apresentar, desenvolver, provar ou explicar.”¹⁹⁵

“A ‘proposição’ é aquela oração afirmativa que contém a substância do discurso.”¹⁹⁶

5.3.2. Diferença Entre Título e Tema:

Todo sermão deve ter um título e um tema: O *título* indica o assunto; o *tema* é a proposição que vai ser tratada ou demonstrada. O *título*, via de regra é mais geral do que o *tema*, visto que este procura esclarecer o que vai ser demonstrado. O título pode ser uma forma de chamariz; o tema é de fato o assunto a ser tratado.

¹⁹⁵ James BRAGA, **Como Preparar Mensagens Bíblicas**, p. 99.

¹⁹⁶A. W. BLACKWOOD, **A Preparação de Sermões**, p. 132.

5.3.3. Valor do Tema:

a) Unidade: O tema é que dá unidade ao sermão; por isso, é necessário que o tema envolva e englobe as divisões. Uma proposição mal feita acarreta uma desorganização no sermão.

b) Ponto: O tema é o ponto de referência que determina a matéria a ser selecionada.

c) Estabelece uma Meta: O tema oferece uma rota sobre a qual o pregador percorrerá, mantendo desperto o auditório para segui-la em companhia do pregador; daí a importância de se dar o destaque necessário ao tema para que os ouvintes saibam sobre o que o pregador vai falar.

d) Facilita a Compreensão: O tema possibilita uma maior assimilação e retenção da mensagem proclamada.

5.3.4. Forma:

a) Fidelidade Textual: A proposição deve ser elaborada de tal forma que seja inevitável. O tema deve ser algo que decorra do texto com muita clareza; não deve ser algo forçado. Lembremo-nos de que o tema é o assunto sobre o qual vamos falar.

b) Clareza: Além da fidelidade ao texto lido, o tema deve ser claro, exato e breve. O grande pregador metodista John H. Jowett (1863-1923), resume: “Estou convicto de que nenhum sermão está pronto para ser pregado, nem pronto para ser publicado, enquanto não nos for possível expressar o seu tema numa breve e fecunda sentença, tão clara como cristal. Para mim, a conquista de tal sentença é o mais difícil, exigente e frutuoso trabalho no meu gabinete. (...) Segundo o meu modo de ver, nenhum sermão devia ser pregado, nem mesmo escrito, enquanto a sentença expressiva não emergisse, clara e lúcida como o luar sem nuvens.”¹⁹⁷

A proposição deve ser de fácil compreensão, proporcionando nos ouvintes idéias claras e definidas a respeito do assunto.

c) Uma Idéia Principal: Se a proposição tiver mais de uma idéia principal, ela não dará unidade ao sermão, antes destrói a sua unidade estrutural.

d) Ser Preferencialmente Afirmativo: O tema deve ressaltar, de preferência, o que é positivo; uma verdade que desejamos ensinar. No entanto, em alguns casos, podemos constituir-lo a partir de uma interrogação¹⁹⁸ ou negação. Outra possibilidade, é tomar parte do texto lido como tema, tais como: “*Eis que estou convosco todos os dias...*”, “*Eles não são do mundo...*”, “*Fica conosco...*”.

5.3.5. O Que Evitar:

a) O Tema não deve ter um número excessivo de Palavras: O tema deve facilitar a memorização do assunto tratado no sermão; se ele for muito extenso, dificultará a sua assimilação.

b) O Menor Número de palavras não deve servir de desculpa para um tema demasiadamente abrangente: O tema não deve prometer mais do que podemos dar. Um sermão que tenha como tema: “*Graça*”, “*Pecado*” ou “*Amor*” é excessivamente geral para que possamos analisá-lo num sermão. Agora, se falamos de: “*A Graça redentiva de Deus*”, “*O Amor Perdoador*”, “*As conseqüências do Pecado*”, estaremos delimitando o nosso tempo, tendo condições de expô-lo satisfatoriamente. Resumindo: Um tema não deve ter um alcance exagerado, senão estaremos correndo o risco de prometer o que não podemos nem pretendemos dar.

¹⁹⁷ John H. JOWETT, *O Pregador, Sua vida e obra*, p. 89-90.

¹⁹⁸ Vd. James D. CRANE, *El Sermón Eficaz*, p. 133-134.

Aqui, é bom recordar um princípio da *Lógica Formal*: Toda idéia tem compreensão e extensão determinadas, variando porém, em ordem inversa, isto é, à medida que a compreensão de uma idéia aumenta, a sua extensão diminui e vice-versa, daí a lei: A compreensão de uma idéia está na ordem inversa de sua extensão.¹⁹⁹ Uma idéia será mais geral à medida que possuir mais notas significativas, isolando-a aos poucos de seu grupo, chegando até a individualizá-la. Deste modo, quanto mais extenso for o nosso tema, menos compreensivo ele será.

5.4. ARGUMENTAÇÃO:

Esta é a parte que constitui o corpo do sermão, na qual vamos tratar do tema enunciado. Analisemos os preceitos da argumentação.

5.4.1. Preceitos Quanto à Matéria:

a) Bibliicidade: Os argumentos devem ser extraídos da Bíblia, daí a necessidade de selecionar os textos bíblicos visto que a qualidade é mais importante que a quantidade.

b) Brevidade: Os argumentos devem ser expostos de tal forma que demonstre aquilo que o tema se propõe a fazer; por certo há outros elementos importantes naqueles argumentos, todavia se isto não for essencial ao objetivo do sermão, poderá ser guardado para uma outra ocasião. Um outro aspecto a ser destacado aqui, é que a demora excessiva num determinado ponto, tende a cansar o auditório, prejudicando a sua apreensão.

c) Conclusivo: Os argumentos devem ser elaborados de tal forma, que apresente o assunto de forma conclusiva, não cabendo resposta ao que foi apresentado.

d) Instrutivo: Os argumentos devem ser instrutivos. O argumento profilático é de suma importância para que haja uma assimilação natural e uma rejeição ao erro. A forma agressiva e polêmica tende a estabelecer um clima de defensivo e de resistência ao ensino, dificultando a apreensão da verdade. Parece-nos que a melhor forma de ensinar é mostrar enfaticamente o correto.²⁰⁰

5.4.2. Preceitos Quanto à Forma:

As divisões devem estar claras em nossa mente, se não, é melhor deixar este sermão para depois, retomá-lo em outra ocasião.²⁰¹

a) Os Argumentos devem Ser Reduzidos em Número: Usualmente três; entretanto, não há nada que obrigue a ser assim.

b) Devem Ser Distintas: Cada uma precisa ser realmente um novo argumento e não apenas a repetição sob uma forma diferente.

c) Devem Ser Naturais: Os argumentos ou divisões devem estar claramente no texto escolhido; devem derivar-se naturalmente. “Nunca forcemos uma divisão. E nem se adicione alguma divisão meramente tendo em vista completar o conceito que tivermos em mente, ou a fim de nos conformarmos à prática usual. As divisões devem ser naturais, e aparentemente inevitáveis.”²⁰²

d) Devem Ser Coordenadas: Além de relacionada com a proposição, precisam estar relacionadas entre si.

¹⁹⁹“À medida que aumenta a extensão, diminui a compreensão; à proporção que diminui a extensão, aumenta a compreensão.” (L. LIARD, *Lógica*, p. 18).

²⁰⁰Vd. D. Martyn LLOYD-JONES, *Sermões Evangelísticos*, p. 31; Charles H. SPURGEON, *Lições aos Meus Alunos*, Vol. 2, p. 89; Ph. J. SPENER, *Mudança para o Futuro: Pia Desideria*, p. 96ss.; João CALVINO, *As Pastorais*, (Tt 3.10), p. 357.

²⁰¹Vd. D.M. LLOYD-JONES, *Pregação & Pregadores*, p. 154.

²⁰²D.M. LLOYD-JONES, *Pregação & Pregadores*, p. 150-151.

e) **Devem Ser Germinantes:** Convém que uma conduza facilmente a outra, como acontece com as partes de um telescópio.²⁰³

f) **Devem Ser Completas:** Isto se consegue mediante uma demonstração cabal, ou uma análise satisfatória do assunto.

5.5. CONCLUSÃO:

A conclusão é a parte final do sermão que inclui o objetivo proposto; é aqui que o pregador conduz o ouvinte a fazer a vontade do Senhor; portanto o pregador quando prepara o seu sermão deve saber aonde quer chegar.

5.5.1. Espécies:

a) **Apelo Direto:** O orador dirige-se individualmente aos ouvintes.

b) **Aplicação Prática:** O pregador aplica a verdade pregada, sem se dirigir a nenhum ouvinte em particular.

Em todo caso a última parte do sermão tem que responder à pergunta que o ouvinte fará no seu íntimo: “*À luz desta mensagem, que quer o Senhor que eu faça?*” ⇒ Exemplo de aplicação prática: Mt 7.24-27.

c) **Recapitulação:** O pregador recapitula o que disse, fazendo um sumário: “Portanto, se um sermão necessitar de recapitulação façamo-la, mas seguida de algo que leve o ouvinte à ação. Nunca se deve terminar com um sumário recapitulativo.”²⁰⁴

d) **Verdade em Contraste:** Apresentar o aspecto positivo que a Palavra de Deus nos ensina. “Se a mensagem falou da tragédia de Caim e da sua maneira de ver a vida, em termos da nossa própria época, a parte final pode mostrar o contraste entre o espírito de Caim e a cruz de Cristo.”²⁰⁵

e) **Implicações Conclusivas:** Esta é um misto no qual se recapitula parte do que foi falado, destacando algumas aplicações práticas, desafiando o ouvinte a uma postura diante do que foi tratado. Esta é uma forma que tenho praticado com alguma frequência, ainda que não a tenha encontrado em outros autores.

5.5.2. Preceitos:

a) **A Conclusão Deve Ser Natural e Apropriada:** A conclusão deve estar de acordo com o que dissemos no sermão; ela deve seguir natural e logicamente o que dissemos.

A conclusão é o “acabamento” do sermão, por isso, cuidado para não estragarmos o conteúdo devido a uma conclusão inapropriada: *Ex: Colocar azulejo na sala; banheiro na cozinha...*

b) **Ser Breve:** Assim como na introdução. Na conclusão a brevidade é importante.

Há pregadores que não sabem concluir e equivalem a um cachorro que antes de deitar dá várias voltas.

A conclusão longa pode criar um sentimento de mal-estar, dando a impressão que o pregador não sabe concluir o que começou..

c) **Geralmente Acentuar o Positivo:** Você poderá pregar sobre o salário do pecado; as conseqüências da desobediência, etc. Entretanto, a conclusão deve ser geralmente positiva, abrindo a janela da esperança em Cristo.

No entanto, há exceções; em especial, quando o pregador quer levar o auditório a condenar com ele o pecado deles todos.

²⁰³Vd. John A. BROADUS, **O Preparo e Entrega de Sermões**, p. 94.

²⁰⁴A. W. BLACKWOOD, **A Preparação de Sermões**, p. 177.

²⁰⁵A. W. BLACKWOOD, **A Preparação de Sermões**, p. 177.

d) Deve Ser Viva e Enérgica: É preciso que haja uma dosagem de energia no decorrer do sermão para que possamos chegar ao final com uma bandeira, não um lenço ensopado.

Se o pregador quer mesmo que o sermão tenha efeito vitalizante e eficaz, precisa terminá-lo de maneira forte e incisiva (Vd. Js 24.14-16; Mt 7.24-27).

e) Não Peça Desculpas: Evite pedir desculpas. Você prega como arauto de Deus consciente do que vai falar ao povo de Deus. Uma desculpa, às vezes causa má impressão.

f) Evite Anedotas: O pregador não está no púlpito para distrair ou divertir; ele está apresentando a mensagem redentora de Deus aos homens. Ainda que seja cabível uma história com alguma graça no início ou mesmo no decorrer do sermão, na conclusão esta prática torna-se inadequada.²⁰⁶

g) Evite acrescentar algo novo impulsivamente: Se o pregador se preparou em espírito de oração, deve seguir o plano que elaborou. O imprevisto pode ser uma armadilha destruidora de tudo aquilo que construímos durante o sermão.

h) Nada Faça que distraia o auditório: Deve centralizar a atenção, não distrair: Folhear a Bíblia, pegar o hinário, olhar o hinário...

i) Não Use a mesma espécie de conclusão todos os domingos: Só porque gostamos de um tipo de conclusão, não quer dizer que devemos usá-la domingo após domingo.

²⁰⁶ A. W. BLACKWOOD, **A Preparação de Sermões**, p. 184.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- A CONFISSÃO DE FÉ, O CATECISMO MAIOR, O BREVE CATECISMO.** São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1991.
- AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã.** São Paulo, Paulinas, 1991.
- . **Comentário aos Salmos.** São Paulo, Paulus, (Patrística, 9/1-3), 1998, 3 Vols.
- AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica.** Porto Alegre/Caxias do Sul, RS., Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Livraria Sulina Editora/Universidade de Caxias do Sul, 1980.
- ARISTÓTELES. **Arte Retórica.** Rio de Janeiro, Ediouro, (s.d).
- . **A Política.** Rio de Janeiro, Editora Tecnoprint, (s.d).
- . **Poética.** São Paulo, Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores, IV).
- BAINTON, Roland H. **Martin Lutero.** 3ª ed. México, Ediciones CUPSA., 1989.
- BARTH, Karl. **La Proclamacion del Evangelio.** Salamanca, Ediciones Sigueme, 1969.
- BAXTER, Richard. **O Pastor Aprovado.** São Paulo, Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1989.
- BENTON, William, Publisher. **Encyclopaedia Britannica.** Chicago, Encyclopaedia Britannica, INC. 1962, 24 Vols.
- BERGE, Damião. **O Logos Heraclítico: Introdução ao Estudo dos Fragmentos.** Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1969.
- BERARDINO, Angel Di, dir., **Diccionario Patristico y de la Antigüedad Cristiana.** Salamanca, Ediciones Sigueme, 1992.
- BERKHOF, Hendriksus. **La Doctrina del Espiritu Santo.** Buenos Aires, Junta de Publicaciones de las Iglesias Reformadas/Editorial La Aurora, (1969).
- BEZA, Theodore. **Life of John Calvin:** In: **Tracts and Treatises on the Reformation of the Church.** Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, 1958, 3 Vols.
- BLACKWOOD, A. W. **A Preparação de Sermões.** São Paulo, ASTE, 1965.
- . **The Fine Art of Preaching.** New York, The Macmillan Company, 1946.
- BOEHNER, Philotheus & GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã.** 3ª ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 1985.
- BOICE, James M. ed. **O Alicerce da Autoridade Bíblica.** São Paulo, Vida Nova, 1982.
- BRAGA, James. **Como Preparar Mensagens Bíblicas.** Miami, Florida, Editora Vida, (4ª impressão), 1989.
- BROADUS, John A. **O Preparo e Entrega de Sermões.** Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1960.
- BROWN, Colin. **Filosofia e Fé Cristã.** São Paulo, Vida Nova, 1983.
- CALVIN, John. **Calvin's Commentaries.** Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1981, 22 Vols.
- . **Golden Booklet of the True Christian Life.** 6ª ed. Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1977.
- . **John Calvin Collection,** [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998).
- . **Letters of John Calvin.** Selected from the Bonnet Edition, Carlisle, Pennsylvania, The Banner of Truth Trust, 1980.

- CALVINO, João. **As Institutas**. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1985-1989, 4 Vols.
- . **As Pastorais**. São Paulo, Edições Paracletos, 1998.
- . **Eféios**. São Paulo, Edições Paracletos, 1998.
- . **Exposição de 1 Coríntios**. São Paulo, Edições Paracletos, 1996.
- . **Exposição de 2 Coríntios**. São Paulo, Edições Paracletos, 1995.
- . **Exposição de Romanos**. São Paulo, Edições Paracletos, 1997.
- . **Gálatas**. São Paulo, Edições Paracletos, 1998.
- . **O Livro dos Salmos**. São Paulo, Paracletos, 1999, (Vols. 1 e 2).
- . **O Profeta Daniel: 1-6**. São Paulo, Paracletos, 2000, Vol. 1.
- CALVINO, Juan. **O Catecismo de Genebra**. In: **Catecismos de la Iglesia Reformada**, Buenos Aires, La Aurora, 1962.
- CHAMPLIN, Russel N. & BENTES, João Marques. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo, Candeia, 1991, 6 Vols.
- CHANTRY, Walter J. **O Evangelho de Hoje: Autêntico ou Sintético?**. São Paulo, Fiel, 1978.
- CHAPMAN, Benjamin. **New Testament-Greek Notebook**. 2ª ed. Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1978.
- CIVITA, Victor, ed. **Os Pré-Socráticos**. São Paulo, Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores, I).
- CLEMENTE DE ROMA, **Carta Primeira de Clemente Romano aos Coríntios**: In: José Gonçalves Salvador, ed. **Clemente Romano**. São Paulo, Imprensa Metodista, 1959.
- COSTA, Hermisten M. P. **A Inspiração e Inerrância das Escrituras: Uma Perspectiva Reformada**. São Paulo, Editora Cultura Cristã, 1998.
- CRANE, James D. **El Sermón Eficaz**. 8ª ed. Buenos Aires, Casa Bautista de Publicaciones, 1981.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- DOUGLAS, J.D. ed. org. **O Novo Dicionário da Bíblia**. São Paulo, Junta Editorial Cristã, 1966. 3 Vols.
- EUSEBIO DE CESAREA. **Historia Ecclesiastica**. Madrid, La Editorial Católica, S.A., 1973. (Biblioteca de Autores Cristianos), 2 Vols.
- FISHER, Jorge P. **Historia de la Reforma**, Barcelona, CLIE., (1984).
- FRIEIRO, Eduardo. **O Diabo na Livraria do Cônego; Como era Gonzaga?; e Outros temas mineiros**. 2ª ed. rev. e aum., São Paulo, Itatiaia/EDUSP., 1981.
- GAGNEBIN, Charles. **Calvin, Textes Choisis**. Egloff, Paris, © 1948.
- GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo, Vida Nova, 1994.
- GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- GOUVÊA Jr. Herculano. **Lições de Retórica Sagrada**. Campinas, SP. (s. editora), 1974.
- GREEF, W. **The Writings of John Calvin: An Introductory Guide**. Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1993.
- GREEN, Michael. **Evangelização na Igreja Primitiva**. São Paulo, Vida Nova, 1984.

- GUTRIE, W.K. C. **Os Sofistas**. São Paulo, Paulus, 1995.
- HARRISON, E.F. ed. ger. **Diccionario de Teologia**. Grand Rapids, TELL., 1985.
- HÉRMIAS, O FILÓSOFO. **Escárnio dos Filósofos Pagãos**. São Paulo, Paulus, 1995, (*Patrística*, 2).
- HODGE, Charles. **Systematic Theology**. Grand Rapids, Michigan, Wm. Eerdmans Publishing Co. 1986, 3 Volumes.
- HOEKEMA, Anthony A. **A Bíblia e o Futuro**. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1989.
- HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro: 1550-1800**. Petrópolis, RJ., Vozes, 1974.
- HOORNAERT, Eduardo, et. al. **História da Igreja no Brasil: Ensaio de interpretação a partir do povo**. São Paulo, Petrópolis, RJ., Paulinas/Vozes, 1983, (*História Geral da Igreja na América Latina*, II/1).
- HUNTER, A. Mitchell. **The Teaching of Calvin: A Modern Interpretation**. 2ª ed. London: James Clarke & Co. Ltd. 1950.
- JOWETT, John H. **O Pregador, Sua vida e obra**. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1969.
- JUSTINO. **I e II Apologia**. São Paulo, Paulus, 1995.
- KUIPER, R.B. **Evangelização Teocêntrica**. São Paulo, PES., 1976.
- LACHLER, Karl. **Prega a Palavra**. São Paulo, Vida Nova, 1990.
- LEITH, John H. **A Tradição Reformada: Uma maneira de ser a comunidade cristã**. São Paulo, Penda Real, 1997.
- LIARD, L. **Lógica**. 9ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979.
- LLOYD-JONES, D. Martyn. **As Insondáveis Riquezas de Cristo**. São Paulo, Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992.
- . **Deus o Espírito Santo**. São Paulo, PES., 1998.
- . **Do Temor à Fé**. Miami, Vida, 1985.
- . **O Combate Cristão**. São Paulo, PES. 1991.
- . **Os Puritanos: Suas Origens e Seus Sucessores**. São Paulo, PES. 1993.
- . **Pregação & Pregadores**. São Paulo, Fiel, 1984.
- . **Sermões Evangelísticos**. São Paulo, PES., 1983.
- . **Vida No Espírito: No Casamento, no Lar e no Trabalho**. São Paulo, PES. 1991.
- LUTERO, M. **Luther's Works**. Saint Louis, Concordia Publishing House, 1960.
- . **Martinho Lutero: Obras Seleccionadas**. São Leopoldo/Porto Alegre, RS., Sinodal/Concórdia, 1995.
- MACARTHUR JR., John F. **Com Vergonha do Evangelho**. São José dos Campos, SP., Fiel, 1997.
- . et. al. **Redescobrimo o Ministério Pastoral**. Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998.
- MARROU, H.I. **História da Educação na Antigüidade**. 5ª reimpr. São Paulo, EPU. 1990.
- MARSHALL, I.H. ed. **New Testament Interpretation; Essays on Principles and Method**. Exeter, The Paternoster Press, 1979.

- MARTIN, Albert N. **O Que há de Errado com a Pregação de Hoje?**. São Paulo, Fiel, (s.d.).
- MCKIM, Donald K. ed. **Grandes Temas da Tradição Reformada**. São Paulo, Pendão Real, 1999.
- MCKIM, Donald K. ed. **Readings in Calvin's Theology**. Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1984.
- MILNE, Bruce. **Conheça a Verdade**. São Paulo, ABU., 1987.
- MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**. São Paulo, Paulinas, 1983, 3 Vols.
- MURRAY, Iain. A Igreja: Crescimento e Sucesso: In: **Fé para Hoje**. São José dos Campos, SP., Fiel, nº 6, 2000.
- MURRAY, John. **Calvin as Theologian and Expositor**. Carlisle, Pennsylvania, The Banner of Truth Trust, (*Collected Writings of John Murray*, Vol. I), 1976.
- NUNES, Ruy A. da Costa. **História da Educação na Antiguidade Cristã**. São Paulo, EPU/EDUSP. 1978.
- O Diretório de Culto de Westminster**. São Paulo, Editora os Puritanos, 2000.
- PACKER, J.I. **Entre os Gigantes de Deus: Uma visão puritana da vida cristã**. São José dos Campos, SP., Fiel, 1996.
- PARKER, T.H.L. **Calvin's Preaching**. Westminster/John Knox Press, Louisville, Kentucky, 1992.
- PELIKAN, Jaroslav. ed. **Luther's Works**. Saint Louis, Concordia Publishing House, 1960.
- PIPER, Otto A. **A Interpretação Cristã da História**. São Paulo, 1956. (Coleção da "Revista de História", VIII).
- PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo, Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores, II).
- . **Fedro**. Rio de Janeiro, Editora Tecnoprint, (s.d.).
- . **Górgias**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, S.A., 1989.
- . **Teeteto e Crátilo**. 2ª ed. Belém, Universidade Federal do Pará, 1988.
- PLEBE, Armando. **Breve História da Retórica Antiga**. São Paulo, EPU/EDUSP., 1978.
- REID, W. Stanford, ed. **Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental**. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1990.
- ROBERTS, Alexander & DONALDSON, James, eds. **Ante-Nicene Fathers**. Buffalo, The Christian Literature Publishing Co. 1885, 19 Vols.
- ROBINSON, Haddon W. **A Pregação Bíblica**. São Paulo, Vida Nova, 1983.
- ROCHA POMBO, José Francisco da. **História do Brasil**. Rio de Janeiro, Benjamin Aguilá – Editor, (s.d.), 10 Vols.
- SCHAEFFER, Francis A. **A Morte da Razão**. São Paulo, ABU/Fiel, 1974.
- SCHAFF, Philip. **History of the Christian Church**. Peabody, Massachusetts, Hendrickson Publishers, 1996, 8 Vols.
- . ed. **Religious Encyclopaedia: Or Dictionary of Biblical. Historical. Doutrinal. and Practical Theology**. Chicago, Funk & Wagnalls, Publishers, 1887, 3 Vols.
- . **The Creeds of Christendom**. 6ª ed. Revised and Enlarged, Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, (1931),
- SCHAFF, Philip & WACE, Henry eds. **Nicene and Post-Nicene Fathers of Christian Church**. Grand Rapids, Michigan, Eerdmans, (Second Series), 1979, 14 Vols.

- SHEDD, R.P. **Lei. Graça e Santificação**. São Paulo, Vida Nova, 1990.
- SILVA, Moisés. O Argumento em Favor da Hermenêutica de Calvino: In: **Fides Reformata** 5/1 (2000).
- SINGER, C. Gregg. **John Calvin: His Roots and Fruits**. Greenville, Abingdon Press, 1989.
- SPENER, Ph. J. **Mudança para o Futuro: Pia Desideria**. São Bernardo do Campo, SP./Curitiba, PR. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião/Encontrão Editora, 1996.
- SPURGEON, C.H. **Lições aos Meus Alunos**. São Paulo, PES. 1982, 3 Vols.
- . **Sermões Sobre a Salvação**. São Paulo, PES. 1992.
- STROHL, Henri. **O Pensamento da Reforma**. São Paulo, ASTE, 1963.
- TACIANO. **Discurso contra os Gregos**. São Paulo, Paulus, 1995. (*Patrística*, 2).
- TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.
- TURNBULL, Ralph G. ed. **Baker's Dictionary of Practical Theology**. 7ª ed. Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1980.
- VINCENT, Marvin R. **Word Studies in the New Testament**. Peabody, MA., Hendrickson Publishers, [s.d.], 4 Vols.
- VINET, Alexander R. **Pastoral Theology: or, The Theory of the Evangelical Ministry**. 2ª ed. New York, Ivison, Blakeman, Taylor & Co. 1874.
- VON ALLMEN, Jean-Jacques. dir., **Vocabulário Bíblico**. 2ª ed. São Paulo, ASTE, 1972.
- WARFIELD, B.B. **A Vida Religiosa dos Estudantes de Teologia**. São Paulo, Editora os Puritanos, 1999.
- . **Calvin and Augustine**. Philadelphia, Presbyterian & Reformed Publishing, 1956.
- XENOFONTE. **Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates**. São Paulo, Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores, II).

São Paulo, 13 de janeiro de 2001.
 Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa